

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CDPA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura
Período de Análise: 01 a 29 de Fevereiro de 2008.
Área Temática: Biocombustíveis**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	6
Biodiesel.....	6
Avanço da Petrobras em biodiesel põe em alerta a concorrência - Cibelle Bouças, Mônica Scaramuzzo e Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 14/02/2008	6
Etanol.....	8
Usinas de açúcar e álcool aproveitam oferta de mão-de-obra indígena – Sítio Eletrônico da CPT – 11/02/2008	8
Produção de álcool avança no País - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios - 15/02/2008	8
Bagaço de cana deve crescer 50% - Juliana Coissi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008.....	9
Usina apostou em energia na década de 80 – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008.....	10
Analistas apontam entraves para crescimento da geração – folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008.....	11
Após 30 anos, agricultor compra sua 1ª propriedade – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/02/2008.....	12
Cutrale fará etanol a partir da laranja – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 07/02/2008.....	13
Cana no Paraná – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 08/02/2008.....	14
Álcool ensaia alta – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 11/02/2008.....	14
J. Pessoa acelera reestruturação e deverá vender duas usinas – Monica Scaramuzzo - Valor Econômico – agronegócios - 14/02/2008	14
Cosan adquire usina do J.Pessoa e prevê expansão -Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 15/02/2008.....	15
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS	16
Biodiesel.....	16
Programa de biodiesel é apresentado na Alemanha – Sítio Eletrônico do MDA - 11/02/2008.....	16
Biodiesel: alternativa de proteção ambiental e inclusão social – Sítio Eletrônico do MDS – 15/02/2008	17
Etanol.....	18
Estudo prova que biocombustíveis podem causar danos ambientais – Sítio Eletrônico da CPT – 11/02/2008	18
Canaviais empregam mais índios - Roldão Arruda – Estado de São Paulo – Nacional – 11/02/2008.....	19
Biodiesel: Estaleiro Mac Laren expõe projeto – Sítio Eletrônico do MDA - 01/02/2008.....	21
Setor sucroalcooleiro concentra uso de trabalho escravo – Sítio Eletrônico do MST – 07/02/2008.....	22

Agrocombustíveis não garantem diminuição do aquecimento global – Sítio Eletrônico do MST – 08/02/2008	22
Desmate para plantio de agrocombustível agrava o efeito estufa – Carlos Orsi – Sítio Eletrônico do MST – 13/02/2008	23
RELACIONAMENTOS INTERNACIONAIS.....	24
Etanol	24
Navios com cana para a Europa? - Maurilio Biagi Filho – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/02/2008	24
EUA não mudam tarifa de álcool no orçamento – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/02/2008.....	25
Uma grande oportunidade – Rubens Barbosa – O Globo – Opinião – 12/02/2008..	26
Etanol sem tarifa? – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 08/02/2008	27
Segunda Quinzena	
AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	27
Biodiesel	27
Virgin faz 1.º vôo com biocombustível – Estado de São Paulo – Vida & - 25/02/2008	27
O 1º vôo com biocombustível – O Globo – Economia – 25/02/2008	28
Seqüenciado o genoma do milho nos EUA – O Globo – Ciência – 28/02/2008.....	28
Dedini no exterior – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 26/02/2008.....	29
Genoma do milho – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 27/02/2008	29
Sem estímulo, produtores de biodiesel param as máquinas - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 27/02/2008	29
Investimentos em novas plantas recuam – Valor Econômico – Agronegócios - 27/02/2008.....	31
Etanol	32
Unicamp sedia fórum sobre questão social em canaviais – Sítio Eletrônico da CPT – 21/02/2008.....	32
Procuradores querem interditar duas usinas – Estado de São Paulo – Nacional – 29/02/2008.....	32
ACELERAÇÃO – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities – 16/02/2008.....	32
SALTO MENOR – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities – 16/02/2008.....	32
RECUO DE RECEITAS – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities – 16/02/2008	32
Cana concentra trabalho degradante _ Thiago Reis e João Carlos Magalhães – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008.....	33
Usineiros afirmam que casos são isolados – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008.....	34

No interior de São Paulo, bairro pobre concentra canavieiros – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008.....	35
Blitz em Alagoas liberta mais 550 trabalhadores de usinas – Thiago Reis - Folha de São Paulo – Brasil – 29/02/2008	37
Usinas dizem que vão sanar irregularidades – Folha de São Paulo – Brasil – 29/02/2008.....	38
Álcool volta a subir – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2008.....	39
Preços baixos afetam safra de cana do NE - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/02/2008.....	39
Petróleo, nova base para negociações de álcool na Copersucar - Mônica Scaramuzzo- Valor Econômico – Agronegócios - 19/02/2008.....	40
Alcooduto da Petrobras – Valor Econômico – agronegócios – Curtas – 20/02/2008	41
Obstáculo para o etanol – Valor Econômico – agronegócios – Curtas – 20/02/2008	41
Álcool mantém alta – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 25/02/2008	41
Safra de cana será recorde em 2008/09 – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 25/02/2008	42
Copersucar perde São Martinho – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 27/02/2008	42
Novo recorde de fusões e aquisições entre usinas - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Agronegócios - 28/02/2008.....	43
Colheita mecanizada vai provocar desemprego - Rafael Pereira Rosas – Valor Econômico – Agronegócios - 28/02/2008.....	44
Fundos estimulam alta do açúcar nas bolsas – Valor Econômico – Agronegócios - 28/02/2008.....	45
POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS	46
Biodiesel	46
Rio Grande do Norte lança Programa de Agroenergia – Sítio Eletrônico do MDA – 18/02/2008.....	46
Biocamp é a nova empresa com Selo Combustível Social – Sítio Eletrônico do MDA – 26/02/2008.....	47
Etanol	48
O programa do álcool e os ambientalistas - José Goldemberg – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 18/02/2008	48
'País pode ser competitivo em áreas sensíveis, como biocombustível' - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2008	49
País inicia ofensiva para exportar etanol - Lu Aiko Otta – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 24/02/2008.....	50
Ventos contra o apagão – Wilma de Faria – Folha de São Paulo – Opinião – 22/02/2008.....	52
Projetos de álcool do PAC estão atrasados – Humberto Medina – Folha de São Paulo – Dinheiro – 23/02/2008.....	54
Barreira furada – O Globo – Economia – 20/02/2008	55
Cana-de-açúcar disputa espaço na Amazônia – Sítio Eletrônico do MST – 18/02/2008	56

Biocombustíveis não alimentarão os famintos – Sítio Eletrônico do MST – 26/02/2008	57
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	59
Biodiesel	59
Nunca Vistos – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém de Commodities – 20/02/2008	59
Menos oleaginosas – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 28/02/2008	59
Etanol	60
Genoma do milho é seqüenciado nos EUA – Estado de São Paulo – Vida & - 27/02/2008.....	60
'Importar etanol do Brasil reduziria custos nos EUA' – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 29/02/2008.....	60
Álcool deve ser promovido em ação conjunta – Valdo Cruz – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2008.....	62
Empresário não deve priorizar a soja, diz Lula – Eduardo Scolese – Folha de São Paulo – Ciência – 22/02/2008.....	62
"Times" questiona defesa de Hillary a subsídios do álcool – Folha de São Paulo – Mundo – 29/02/2008	63
Bernanke defende corte na tarifa do álcool brasileiro – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/02/2008.....	64
Petróleo tem novo recorde e barril fecha acima de US\$ 102 – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/02/2008.....	65
Lobby verde de Lula convence ricos - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil - 22/02/2008.....	65
Investida brasileira para divulgar o programa de álcool combustível – Valor Econômico – Agronegócios - 26/02/2008.....	66

Biodiesel

Avanço da Petrobras em biodiesel põe em alerta a concorrência - Cibelle Bouças, Mônica Scaramuzzo e Patrick Cruz – Valor Econômico – Agronegócios - 14/02/2008

A Petrobras confirmou que vai começar neste ano a construir uma megaplanta de biodiesel. A usina deverá ser instalada no Nordeste, mas o local ainda não foi definido. A intenção da estatal é tornar-se líder na produção no país a partir de 2010, quando a usina deverá entrar em operação. Em 2012, a meta é produzir 900 milhões de litros de biodiesel, volume superior à demanda atual do país, de cerca de 800 milhões de litros por ano para efetuar a mistura de 2% no diesel, em vigor desde o dia 1º de janeiro.

Além do projeto da megaplanta, a Petrobras está construindo três usinas de biodiesel - Quixadá (CE), Candeias (BA) e Montes Claros (MG). Cada uma terá capacidade para 57 milhões de litros de biodiesel por ano. Somados, os investimentos atuais e a megaplanta receberão aportes que chegam a quase US\$ 300 milhões, conforme apurou o Valor. Se os investimentos da Petrobras forem confirmados, a estatal concentrará em suas mãos cerca de um terço da produção deste combustível no país, considerando a atual capacidade instalada no país com os aportes anunciados pela companhia. Para 2012, o governo federal estima consumo de 2,4 bilhões de litros, com a mistura de 5% no diesel.

As intenções ambiciosas da Petrobras assustam. E não sem motivos. As indústrias de biodiesel concorrentes afirmam que a estatal está criando um monopólio, uma vez que é a única compradora - em dezembro, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) passou à estatal a responsabilidade de formar estoques de biodiesel por meio dos leilões de compra - e também se tornará uma líder na produção. "A Petrobras contraria o discurso do governo de consolidar o biodiesel no setor privado", diz Nivaldo Trama, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Biodiesel (Abiodiesel), que reúne as pequenas e médias indústrias do setor.

Com 51 plantas com autorização para operar no país, a capacidade instalada para produção supera 2,5 bilhões de litros. "O fato de ela [Petrobras] entrar deixa o mercado desorientado, sem destino do que fazer", afirma Trama.

De acordo com um executivo do setor, a entrada mais forte no mercado de biodiesel "é uma tremenda ameaça". "Se uma estatal desse porte, que já é responsável pelos leilões de compra do biodiesel, entra dessa forma, o setor perde toda a sua vivacidade", diz o executivo.

A concorrência no setor promete esquentar mais com a tecnologia que está sendo desenvolvida pela estatal e que deve ser colocada em prática nos próximos meses. A Petrobras deverá produzir o combustível diretamente de sementes de oleaginosas, sem a necessidade de extrair o óleo. A técnica começa a ser testada em duas usinas-piloto que a estatal mantém em Guamaré (RN) e que será estendida para outras unidades no futuro.

O projeto até agora foi mantido em sigilo pela estatal, que até então havia anunciado apenas a adoção da rota convencional de produção de biodiesel, em que a empresa comprava o óleo vegetal de terceiros e fazia a transesterificação - processo do qual se extrai o biodiesel e a glicerina. "O problema é a economicidade do processo. A matéria-prima

custa 80% da produção e o óleo vegetal no Brasil é mais caro que o diesel na bomba, hoje em torno de R\$ 1,80", compara Carlos Nagib Khalil, autor do projeto e consultor do Centro de Pesquisas da Petrobras (Cenpes).

Khalil não dá muitos detalhes, mas afirma que, com a nova tecnologia, a reação química é feita na semente. Do grão esmagado sai o biodiesel, sem necessidade de outro processo. "A semente é muito mais barata. A mamona custa R\$ 0,30 o quilo. Com dois quilos faço um litro de biodiesel", garante o pesquisador. O processo também já foi testado com pinhão-manso, girassol e amendoim. "Se a Petrobras só usar o óleo, não vai fechar a conta. O objetivo é verticalizar a produção para reduzir custos."

Fernando Lima, gerente-geral de exploração e produção no Rio Grande do Norte e Ceará da Petrobras, confirma que a estatal busca acordos com cooperativas de produtores para adquirir sementes de girassol, mamona e pinhão-manso para produzir o biodiesel.

Para o vice-presidente de novos negócios da Comanche, João Pesciotto, a estratégia de obtenção do combustível diretamente das sementes de oleaginosas "faz sentido". Ele, no entanto, faz uma ressalva: "é preciso saber a qualidade do resíduo sólido que se consegue com esse processo", diz. A Comanche tem uma usina de biodiesel em Simões Filho (BA) com capacidade anual de produção de 40 milhões de litros.

Pesciotto salienta que desconhece os detalhes técnicos do projeto, mas explica que a conta da margem entre o custo de produção do biodiesel e o preço de venda inclui também o que se obtém com o aproveitamento do resíduo sólido. Os resíduos da soja, por exemplo, podem ser utilizados como ração animal, o que não é viável com a mamona e o pinhão-manso, base das pesquisas da Petrobras. "Se o resíduo sólido não tiver nenhum aproveitamento econômico, como ração ou adubo, o custo final pode até mesmo ficar mais alto que o convencional."

No Rio Grande do Norte, a estatal fechou acordo com cooperativas da região do Vale do Açu para a compra de 18 mil toneladas de sementes de girassol. A empresa vai custear as sementes e a assistência rural aos produtores para o plantio de 16 mil hectares na primeira fase do projeto. "Para atender à demanda das unidades de Guamaré será necessário o plantio de 30 mil a 35 mil hectares de girassol", diz Lima.

Em dezembro, a estatal também fechou contratos com sete cooperativas na Bahia para a compra mil toneladas de óleo de palma, 42 mil toneladas de sementes de mamona e 15 mil toneladas de sementes de girassol. Os produtos vão abastecer a produção de biodiesel na usina de Candeias, que tem capacidade para 54 mil toneladas de biodiesel por ano mas, em 2008, deve produzir 27 mil toneladas.

Etanol

Usinas de açúcar e álcool aproveitam oferta de mão-de-obra indígena – Sítio Eletrônico da CPT – 11/02/2008

A mão-de-obra guarani vem sendo cada vez mais requisitada nas usinas de açúcar e álcool da região de Dourados, em Mato Grosso do Sul. O plantio e corte da cana-de-açúcar é a principal fonte de renda das aldeias Jaguapiru e Bororó, onde vivem 12 mil índios guaranis. De acordo com o procurador Cícero Pereira, que até o ano passado chefiava a Procuradoria-Geral do Trabalho em Mato Grosso do Sul, o uso da mão-de-obra indígena deve-se ao desinteresse de outros grupos. “Os não-indígenas não querem saber do trabalho nos canaviais, que é pesado e considerado de segunda categoria”. Os usineiros acreditam que os indígenas suportam melhor as pesadas jornadas de trabalho e são menos exigentes. ONGs estão preocupadas com a situação, pois com a oferta de empregos, os indígenas se mobilizam menos para reivindicar terras.

Produção de álcool avança no País - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia e Negócios - 15/02/2008

Safra de cana 2008/09 deve ser mais voltada para a produção de álcool combustível do que de açúcar

A safra brasileira de cana 2008/09 será mais voltada para a produção de álcool do que a de 2007/08. Rumores de mercado indicavam que a alta recente dos preços do açúcar levaria a uma alteração no mix de produção. O açúcar voltaria a responder por metade da safra de álcool. “Isso é impossível”, disse Plínio Nastari, presidente da Datagro Consultoria. Segundo Nastari, a expectativa é que se produza mais açúcar do que se imaginava inicialmente, há um mês, mas a percentagem da cana total direcionada para a produção de álcool irá crescer.

Nastari trabalha com um mix de produção, no Centro-Sul, em 2008/09, de 57,4% para o álcool e 42,6% para o açúcar. Em 2007/08, o mix foi de 55,6% para o álcool e 44,4% para o açúcar. Segundo ele, a expectativa inicial era de um mix para o álcool de até 59% por conta da entrada em operação de novas usinas, mas a alta dos preços do açúcar no mercado internacional irá reduzir esse crescimento do álcool no mix de produção.

A Datagro trabalha com uma produção de álcool para a safra 2008/09 de 24,75 bilhões de litros, alta de 12,75% em relação à produção de 21,96 bilhões de litros da safra 2007/08. Desse total, 22,7 bilhões de litros serão produzidos no Centro-Sul, um aumento de 13,30%. No Nordeste, a produção de álcool deverá atingir 2,066 bilhões de litros, ligeiramente superior aos 1,93 bilhões de 2007/08.

Segundo Nastari, o excedente exportável de álcool deve ser de 4 bilhões de litros em 2008/09, maior que os 3,46 bilhões da safra anterior. O aumento deve-se ao fato dos preços do etanol nos Estados Unidos estarem elevados, compensando a importação do produto brasileiro, mesmo com o pagamento do imposto. Porém, a maior parte da produção será direcionada ao mercado interno, onde as vendas dos carros flex continuam subindo. Em janeiro, as vendas de carros com a tecnologia flex somaram 87,5% do total de vendas de novos veículos, segundo a Anfavea. As exportações de açúcar devem subir de 19 milhões de toneladas em 2007/08 para 20,7 milhões de toneladas em 2008/09.

Bagaço de cana deve crescer 50% - Juliana Coissi – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008

Estimuladas pela demanda de energia, usinas devem gerar excedente de 1.500 MW na próxima safra - Governo espera contratar energia de reserva a partir da biomassa por conta de cenário mais "apertado" na geração nos próximos anos

Enquanto caem a exportação do álcool e o preço da tonelada de cana-de-açúcar paga aos produtores, outro segmento do setor sucroalcooleiro prevê resultados expressivos na produção neste ano. A energia gerada do bagaço de cana e vendida pelas usinas para concessionárias de energia elétrica ou em leilões públicos deve aumentar 50% na próxima safra.

Essa energia, a partir da biomassa, é uma das apostas do governo Lula para evitar nova crise energética no país. No mês passado, o governo anunciou a "reedição" do "seguro-apagão", ou seja, que iria contratar energia de reserva para dar mais segurança à oferta de energia elétrica pelo sistema nacional.

E a expectativa do governo é que parte dessa energia venha de termelétricas que produzam a partir de bagaço de cana.

Segundo a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), as usinas devem produzir potência excedente de 1.500 MW na safra 2008/09. Na safra passada, foram cerca de 1.000 MW.

Os 1.500 MW equivalem a cerca de 10% do fornecimento da hidrelétrica de Itaipu. "É um resultado altamente positivo. Que mercado cresce 50% ao ano? Você vê um produto valorizado e uma demanda que necessita dessa oferta", afirmou o diretor técnico da Unica, Antonio de Padua Rodrigues.

Outros 3.000 MW a serem gerados deverão servir para consumo próprio das usinas. O total de energia estimado deve ser produzido por 30 a 40 usinas no país, 70% delas em São Paulo. A previsão é que o setor fature R\$ 900 milhões.

A Unica prevê que a produção deva quadruplicar em cinco ou seis anos. O próprio Ministério de Minas e Energia projeta acréscimo de 6.000 MW gerados pelas usinas até 2016.

Mas especialistas questionam o que consideram "otimismo" do setor. Alertam que há alguns nós na produção, como a demora para um projeto de geração de energia ficar pronto e a falta de linhas de transmissão em áreas menos populosas.

Novo leilão de energia de biomassa está previsto para 30 de abril. Na negociação, governo e Unica esperam maior presença de usinas dispostas a vender o excedente de energia.

O governo promete facilidades para novos projetos com linhas de financiamento especiais e a entrada das usinas nos sistemas de transmissão.

"Estamos fazendo planejamento, criando coletores mais próximos. Sistemas de transmissão não serão problema", disse Iran de Oliveira Pinto, diretor de planejamento energético do ministério.

O setor, entretanto, reclama de preços melhores. Hoje, o mercado paga em média R\$ 140 pelo MWh, valor que, segundo Rodrigues, ainda não compensa o investimento em geração.

Usina apostou em energia na década de 80 – Folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008

DA FOLHA RIBEIRÃO - Na década de 80, quando as usinas se preocupavam em expandir suas lavouras de cana-de-açúcar para produzir álcool e açúcar, uma usina de Sertãozinho, na região de Ribeirão Preto (SP), pensou em dar um destino útil à sobra de energia utilizada para movimentar as caldeiras a partir do bagaço da cana.

Em 1987, a usina São Francisco interligou-se ao sistema de energia elétrica da CPFL, distribuidora da região. "Foi experimental, nem sabemos se a energia foi para a rede geral ou para a cidade vizinha da usina, Barrinha", disse o diretor industrial da usina, Jairo Menezes Balbo.

Hoje, a empresa produz 7 MW, sendo que 3 MW são vendidos no mercado. Com os recentes investimentos, a usina prevê ampliar o excedente vendido de 3 MW para 16 MW. Enquanto a maior parte das indústrias pára na entressafra, a Companhia Energética Santa Elisa, em Sertãozinho, continua em ritmo acelerado: produz açúcar líquido e álcool extra neutro. E energia.

A empresa começou em 1994 a vender a sobra de energia. Atualmente, a Santa Elisa comercializa 417 mil MW/h por ano, o que equivale a uma potência excedente de aproximadamente 95 MW.

Segundo o diretor administrativo, Sebastião Henrique Gomes, a previsão é duplicar a produção entre três e cinco anos. **(JC)**

Analistas apontam entraves para crescimento da geração – folha de São Paulo – Dinheiro – 07/02/2008

DA FOLHA RIBEIRÃO - A previsão da Unica de que os atuais 1.500 MW que serão produzidos na próxima safra possam quadruplicar em cinco ou seis anos é contestada por alguns especialistas ouvidos pela **Folha**. Para eles, há alguns entraves ao crescimento da produção de energia elétrica.

"Quadruplicar a produção é no mínimo uma visão otimista", disse Goret Pereira Paulo, coordenadora de energia da FGV (Fundação Getulio Vargas) e docente do curso de Gestão de Negócios em Energia.

Para a especialista, apesar do crescimento de fontes alternativas à hidrelétrica, elas não resolvem o desafio do suprimento de energia pelo qual o país vai passar nos próximos anos.

"Considerando um crescimento do PIB de 5% ao ano, nós precisaríamos acrescentar cerca de 4.500 MW por ano."

Consultores de usinas também apontam dificuldades para que o setor multiplique sua produção no ritmo estimado.

Um deles é o tempo. Um projeto de geração de energia demora ao menos dois anos para ser implantado, caso não haja problemas, segundo Gustavo Corrêa, sócio da FG Agro, consultoria que atende a cinco grupos de usinas no interior de São Paulo. "Se, por hipótese, pensarmos que 80 caldeiras possam ser instaladas em um ano e gerarem um excedente de 20 MW, o que é alto, serão novos 1.600 MW, abaixo ainda das previsões", disse. Além do tempo, o custo alto de investimento é considerado um empecilho à expansão da produção de energia, para Corrêa, porque "muitos usineiros ainda preferem investir no aumento de açúcar e álcool".

Outro fator apontado pelo vice-presidente da Cogen (Associação Paulista de Cogeração de Energia), Carlos Roberto Silvestrin, é a falta de linhas de transmissão de energia, principalmente nas novas usinas instaladas em Goiás e Mato Grosso do Sul, longe dos maiores centros consumidores. **(JC)**

Após 30 anos, agricultor compra sua 1ª propriedade – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 10/02/2008

Cana-de-açúcar dá oportunidade para arrendatário se tornar dono de terra - Venda de participação em usina leva pecuarista a dispor de terra em SP e montar rebanho de gado de corte em Mato Grosso do Sul

DA REDAÇÃO - Por 30 anos, Ciro Luiz Sitta, 47, trabalhou com agricultura, mas sem ser dono da terra. Sempre arrendou. Por uns tempos, fez parcerias até pelos lados de Goiás por uma década. No ano passado, conseguiu comprar sua primeira área. Foram 340 hectares dos 460 hectares que tomou em arrendamento em General Salgado (545 km a noroeste de São Paulo) desde 2004.

Sitta, que arrendava também 145 hectares em Jaboticabal (SP), onde mora, escolheu a propriedade a dedo. A fazenda, a apenas 10 km da Destilaria Generalco, se dedicava à pecuária. O agricultor conseguiu o que chama de "um bom contrato". Em vez dos usuais 6 anos, negociou o direito de usar a terra por 16. Transformou as pastagens em área agrícola. Primeiro com dois plantios -um de algodão e outro de milho- para preparar o solo para o cultivo de cana, lavoura com que sempre trabalhou.

Com esse cuidado todo, não deu outra. Ficou "prosa" com a produtividade de 148 toneladas por hectare no primeiro corte de cana. Para os próximos anos, Sitta espera manter o ritmo de 100 t/ha. "Quem pega o pasto e põe a cana direto tira apenas umas 80 toneladas no primeiro ano de produção", afirma. Quando o ciclo de cinco anos da lavoura se encerra, ele sabe o que fazer. Vai semear o campo com crotalária, uma leguminosa que fixa nitrogênio na terra, devolvendo fertilidade ao solo, para formar um novo canavial. Ao ser informado do preço da terra em General Salgado, percebeu que era a oportunidade de adquirir o próprio "pedacinho" -o alqueire (área equivalente a 2,42 hectares) custava a pechincha de um terço em relação às glebas de Jaboticabal, pesadamente influenciadas pelos custos de Ribeirão Preto, "a Califórnia brasileira".

Sitta pagou R\$ 20 mil o alqueire. Diz ele que a ambição pára por aí. Não pretende comprar mais terra. "Neste ano termino a formação da área [somando a própria e a arrendada em General Salgado]. Onde não der para plantar cana, vou colocar gado." O agricultor estima que vai deixar 230 cabeças para recria e engorda ao lado de 280 hectares de lavoura.

Para o boi - A cana também está na raiz de outro investimento em terra concretizado no ano passado. Nesse caso, o dinheiro migra de Estado. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, Pedro de Camargo Neto, 59, atualmente o diretor executivo da Abipecs (Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína), era um dos 109 acionistas da Usina Vale do Rosário.

Depois de uma negociação tensa, no final de janeiro de 2007, a empresa foi vendida para a Cosan, líder na produção de açúcar e álcool no país. Com o 1,5% da venda de sua parte na Vale do Rosário, Camargo Neto comprou a fazenda Horizontes, localizada em Bandeirantes, município do planalto de Mato Grosso do Sul. Demorou a achar. Encontrou a

propriedade apenas em agosto. O administrador Valdomiro Arigoni visitou 60 fazendas até chegar a uma que tivesse as características que Camargo procurava.

A propriedade conta com 5.000 hectares. "O projeto é para 6.000 a 7.000 animais", diz o pecuarista. Camargo Neto vai se dedicar exclusivamente à cria -produção de bezerros que vão ser engordados em outras propriedades. Para ele, a pecuária brasileira tende à especialização. Haverá, no futuro, fazendas como a dele, focadas na reprodução, enquanto outras vão apenas aprontar os animais para o abate, seja no pasto, seja em confinamentos. Camargo Neto quer replicar em Mato Grosso do Sul a produtividade que obtinha no oeste paulista, onde tem quatro fazendas -uma em Andradina e três em Presidente Prudente-, agora arrendadas para a cana. O pecuarista relata a obtenção de 96% de fertilidade. De cada 100 vacas cobertas por touros, 96 emprenham por ano.

O pecuarista diz ter comprado a fazenda também como investimento. "A terra vai se valorizar com a estabilidade econômica e a redução dos juros reais que deve ocorrer a longo prazo." Ainda mais no Brasil, "que tem água e luz para atender a clara demanda por alimentos, fibras e energia", afirma.(GF)

Cutrale fará etanol a partir da laranja – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas - 07/02/2008

A brasileira Cutrale, maior produtora de suco de laranja do mundo, vai produzir etanol a partir de restos do processamento da fruta em uma usina-piloto em Auburndale, na Flórida (EUA). Localizada no cinturão cítrico da Flórida, maior Estado produtor da fruta nos Estados Unidos, o projeto é uma parceria entre a Cutrale Citrus Juices USA - braço americano da companhia - e a Southeast Biofuels LCC, subsidiária da Xethanol.

Em seu website, o Departamento de Agricultura e Serviços ao Consumidor do Estado da Flórida (Doacs) informou que serão utilizados inicialmente 37,9 mil litros de fermento e 30,4 toneladas de restos de laranja. "A meta do projeto é construir uma planta com escala comercial capaz de gerar 8 milhões de galões de etanol por ano (30,3 milhões de litros) e utilizar 800 mil toneladas de restos de laranja [casca e bagaço] anualmente", informou o órgão.

Fontes do segmento no Brasil afirmam que a tecnologia utilizada neste processo não é absolutamente nova no mercado. A Citrosuco, principal rival da Cutrale, também a domina.

Conforme a Doacs, a usina custará aproximadamente US\$ 5,9 milhões. Desse montante, cerca de US\$ 500 mil foram subsídios concedidos pelo órgão. "Ficamos muito satisfeitos com o subsídio do Departamento de Agricultura da Flórida, o que valida os nossos esforços em pesquisas para converter lixo em energia", disse David Ames, presidente e CEO da Xethanol. A expectativa é que a usina comece a operar em dois anos.

Os Estados Unidos são os maiores produtores de álcool desde 2005, quando ultrapassaram o Brasil. Também são os maiores investidores de etanol de segunda geração, o chamado álcool celulósico, que pode ser produzido a partir de qualquer matéria-prima vegetal - o que na prática, abre um variado leque de opções, do bagaço da cana até lascas de madeira .

Cana no Paraná – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 08/02/2008

As usinas de açúcar e álcool do Paraná devem dar início em março à colheita de cana da safra 2008/09, segundo a Alcopar (que reúne as usinas). No entanto, uma das usinas do Estado não encerrou a moagem da safra anterior.

Álcool ensaia alta – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 11/02/2008

Os preços do álcool começam a ensaiar recuperação. Na sexta-feira, o litro do anidro fechou a R\$ 0,76131 (sem impostos), ligeira queda de 0,01% sobre a semana anterior. O hidratado fechou a R\$ 0,67345 (sem impostos), pequena alta de 0,01%, informou o Cepea.

J. Pessoa acelera reestruturação e deverá vender duas usinas – Monica Scaramuzzo - Valor Econômico – agronegócios - 14/02/2008

O Grupo J. Pessoa colocou à venda duas de suas sete usinas de açúcar e álcool, como parte do processo da reestruturação financeira pela qual a companhia passa. O Valor apurou que uma dessas unidades está sendo negociada para o grupo Cosan.

Um dos tradicionais usineiros do país, o empresário José Pessoa de Queiroz Bisneto afirmou que o grupo está se reestruturando e quer manter sob seu guarda-chuva apenas as usinas 100% controladas pela holding Companhia Brasileira de Açúcar e do Álcool (CBAA), criada em 2006. Das sete usinas, cinco são 100% controladas por essa holding - uma unidade em Sergipe, duas no Mato Grosso do Sul, uma no Rio de Janeiro (que inclui uma usina desativada) e outra em São Paulo.

A unidade Benálcool, instalada na região de Araçatuba (SP), que está à venda, é controlada pelo grupo J. Pessoa, com 65% de participação, e 35% pelo empresário Alexandre Grandene. A outra unidade, a Everest, também sediada em São Paulo, será vendida, mas ainda não há negociação em andamento.

Se confirmada a aquisição da Benálcool pela Cosan, a maior companhia sucroalcooleira do país, com 17 unidades produtoras, aumentará sua participação na região de Araçatuba, onde já possui usinas em operação. Procurada, a Cosan não comentou o assunto. Mas em recente entrevista ao Valor, o vice-presidente de relações com os investidores Paulo Diniz afirmou que o grupo estava de olho em aquisições e que poderia adiar os projetos 'greenfied' (construção) programadas para Goiás, se fosse conveniente. O empresário Queiroz Bisneto também não confirmou negociações com a Cosan.

Com faturamento em torno de R\$ 400 milhões, o grupo J. Pessoa começou nos últimos meses um processo de reestruturação financeira. "A venda das duas usinas resolverá esse passivo [financeiro]", disse o empresário, sem detalhar as operações.

O objetivo do empresário é fazer investimentos na expansão de suas cinco unidades com os recursos obtidos com a venda das outras duas usinas. Atualmente, as cinco usinas processam 7 milhões de toneladas de cana por safra.

A reestruturação do grupo começou há três anos. Àquela época, o empresário criou a holding CBAA, que controla cinco usinas, visando uma possível abertura de capital do grupo. Queiroz Bisneto disse que não desistiu de abrir o capital da empresa. A intenção é ir

ao mercado quando todo o processo for concluído. Durante esse processo de reestruturação, o empresário chegou a conversar com fundos de investimentos interessados em adquirir participação minoritária no grupo. Mas as negociações não foram levadas adiante. A decisão de manter somente as usinas controladas 100% pelo grupo reflete uma mudança de decisão estratégica. "Tive uma ótima relação com os meus sócios [referindo-se a Alexandre Grandene], mas mudamos a filosofia estratégica do grupo", afirmou.

O empresário foi um dos primeiros usineiros do Nordeste a investir na região centro-sul do país. No ano passado, o grupo foi alvo de uma denúncia de trabalho insalubre em sua usina no Mato Grosso do Sul. Pessoa nega qualquer prática de gestão ilegal em suas usinas. (MS)

Cosan adquire usina do J.Pessoa e prevê expansão -Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 15/02/2008

A Cosan, maior companhia sucroalcooleira do país, confirmou ontem (dia 14) a compra da usina Benálcool, que pertencia ao grupo J. Pessoa, conforme antecipou o Valor. A aquisição foi avaliada em R\$ 106,9 milhões, segundo comunicado do grupo à Comissão de Valores Mobiliários (CVM). A Cosan assumiu dívidas financeiras no valor de R\$ 34 milhões e recursos em caixa de R\$ 6,5 milhões.

Segundo Pedro Mizutani, vice-presidente de administração do grupo Cosan, a Benálcool está estrategicamente localizada na região de Araçatuba, onde o grupo já possui quatro unidades em operação. "Vamos aproveitar a sinergia entre as usinas da região", disse. Com esta aquisição, a Cosan passa a controlar 18 usinas.

O grupo deverá continuar com o apetite aguçado para aquisições, afirmou Paulo Diniz, vice-presidente de relações com os investidores da Cosan. "Estávamos esperando os preços das usinas desinflationarem", disse. "Continuamos de olho em aquisições."

Mizutani afirmou que o grupo não desistiu dos três projetos 'greenfield' (construção), que estão programados para Goiás. "Estamos aguardando a liberação das licenças ambientais."

Em entrevista ao Valor, o empresário José Pessoa de Queiroz Bisneto informou que colocou duas usinas de suas sete usinas à venda para concentrar a produção e os investimentos nas usinas 100% controladas pela companhia. Além da Benálcool, o grupo J. Pessoa está negociando a unidade Everest, em Penápolis (SP), que deverá entrar em operação na safra 2008/09, com capacidade para 1,3 milhão de toneladas de cana.

A unidade Everest também já é alvo de cobiça de importantes grupos do país. Com a usina pronta para dar início às operações, a unidade é estratégica, uma vez que está localizada em São Paulo, principal Estado produtor do país, com logística privilegiada. O grupo Cosan chegou a analisar também a compra desta unidade, mas deu preferência para a Benálcool.

"Há grupos interessados na usina, mas não há nada fechado", disse Queiroz Bisneto. O grupo J. Pessoa está em fase de reestruturação e deverá concentrar seus negócios em cinco usinas controladas 100% pela holding Companhia Brasileira de Açúcar e Alcool (CBAA). A recém-vendida Benálcool era controlada pelo grupo, com participação de 65%, e o restante pertencia ao empresário Alexandre Grandene. A Everest também é controlada pelo grupo, mas tem como acionistas minoritários produtores de paulistas de cana-de-açúcar.

Um dos empresários mais tradicionais do setor sucroalcooleiro, José Pessoa de Queiroz Bisneto começou a investir no centro-sul do país na década de 90. Agora, os planos do usineiro são aumentar a capacidade de produção de suas cinco unidades para depois abrir o capital do grupo.

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Programa de biodiesel é apresentado na Alemanha – Sítio Eletrônico do MDA - 11/02/2008

A experiência brasileira com o biodiesel será apresentada no próximo dia 20 de fevereiro em audiência pública no Parlamento Alemão, em Berlim, na Alemanha. O coordenador do Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Arnaldo de Campos, participará do painel Potenciais de Desenvolvimento da Agricultura Familiar.

Em sua exposição, Campos abordará as iniciativas do governo brasileiro, mais especificamente do MDA, na cadeia produtiva do biodiesel. O enfoque será na questão ambiental, a partir de uma variedade de oleaginosas para a produção do combustível em áreas já existentes, sem comprometimento ao meio ambiente.

O coordenador discorrerá, ainda, sobre a inclusão social promovida pelo programa, possibilitando o desenvolvimento regional por meio da geração de emprego e renda para os agricultores familiares. Hoje, 100 mil agricultores familiares estão inseridos no Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB), produzindo matérias-primas como a mamona, dendê, girassol, soja e amendoim.

Esse número é resultado de uma série de ações do MDA para promover a inserção desses agricultores na cadeia do biodiesel. Segundo Campos, estima-se que a renda familiar com a produção de mamona no Nordeste, grande parte no Semi-árido, está entre R\$ 1.320 e R\$ 7.140 por ano em áreas de plantio de dois a sete hectares.

Selo Combustível Social

Uma importante contribuição para a inclusão desses agricultores familiares foi a criação do Selo Combustível Social. Atualmente, 27 indústrias possuem o Selo e, juntas, totalizam uma capacidade de produção de dois bilhões de litros ao ano. “Vamos mostrar no Parlamento Alemão como é possível introduzir o biodiesel na matriz energética”, explica Campos.

O Selo somente é concedido aos produtores de biodiesel que comprem matéria-prima da agricultura familiar em percentual mínimo de: 50% no Nordeste e Semi-árido; 10% nas regiões Norte e Centro-Oeste, e 30% nas regiões Sudeste e Sul. As indústrias têm, também, de assegurar a assistência e a capacitação técnica aos agricultores familiares.

Biodiesel: alternativa de proteção ambiental e inclusão social – Sítio Eletrônico do MDS – 15/02/2008

Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp

Ministério do Desenvolvimento Social apóia a produção do combustível como forma de gerar trabalho e renda nos centros urbanos

A cidade de Indaiatuba, localizada a 103 km da capital São Paulo (SP), é expoente em um projeto que pode mudar as realidades ambientais e sociais de muitos municípios brasileiros: a produção de biodiesel a partir de óleo vegetal saturado. A ação vem se desenvolvendo desde 2006, quando a Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade de Campinas (Unicamp), a Prefeitura Municipal de Indaiatuba e o Instituto Harpia Harpyia construíram uma usina protótipo para produzir o combustível, a partir do resto do óleo utilizado para frituras em restaurantes, lanchonetes e residências.

Para certificar a viabilidade e a possibilidade de comercialização do biodiesel, a Prefeitura de Indaiatuba utiliza 100% do combustível em três veículos do Serviço Autônomo de Água e Esgotos. Outros 20 carros o utilizam em uma mistura que varia entre 50% e 75% do total do tanque. Segundo o secretário de Serviços Urbanos e Meio Ambiente de Indaiatuba, Nilson Gaspar, os automóveis não sofreram prejuízos de desempenho, nem maiores desgastes nas peças. “O desenvolvimento dos motores têm se mostrado excelente, com vantagens no que se refere à própria lubrificação do motor”, destaca.

A usina experimental, com capacidade para produzir mil litros de biodiesel por dia, é alimentada por doações feitas pelos comerciantes e população local. No final de 2007, a usina contabilizou a produção de mais de 60 mil litros de biodiesel fabricados com o óleo saturado. “Por meio da adesão e apoio da população ao projeto, tenho certeza da sua viabilidade e possibilidade de expansão para outras cidades”, disse Dom Mauro Morelli, fundador e presidente do Instituto Harpia Harpyia e bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias (RJ).

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), por meio da Secretaria de Articulação Institucional e Parcerias (SAIP), tem trabalhado na construção de alianças que permitam a concretização positiva do projeto. Segundo Marcus Villarim, secretário substituto da SAIP, o Ministério está investindo na geração de trabalho e renda nas cidades mais próximas das capitais brasileiras. “A construção da usina de Indaiatuba é um forte projeto de inclusão social e está em consonância com as políticas públicas realizadas pelo MDS para os centros urbanos, assim como a Coleta Seletiva Solidária nos órgãos federais, que destina os resíduos para as associações e cooperativas de catadores”, lembra.

Dom Mauro Morelli também sonha em levar a produção do biodiesel para os 13 municípios que compõem a Diocese de Pesqueira, em Pernambuco. O professor Antonio José Maciel, coordenador do Programa de Biodiesel da Unicamp, explica que a usina experimental tanto pode ser alimentada com o óleo saturado, como pela extração do óleo de

girassol ou de mamona, entre outros. O bispo acredita que a utilização do potencial agrícola nordestino pode trazer conseqüências positivas para as famílias da região. “É nosso compromisso com agricultores e fruticultores, o processamento destas oleaginosas para garantir renda à agricultura familiar e melhores condições de vida para os produtores rurais”, afirma.

Usina definitiva – No final de 2007, representantes da Unicamp, Instituto Harpia Harpyia e Prefeitura de Indaiatuba estiveram em Brasília para apresentar os resultados da produção do biodiesel ao presidente Lula, e solicitar apoio à construção da primeira usina de biodiesel urbano do País. O projeto está em tramitação na Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e é orçado em R\$ 3 milhões. A expectativa é que a usina seja inaugurada ainda no primeiro semestre de 2008.

Segundo estudos para a construção da usina, a capacidade de produção será de 45 mil litros de biodiesel por dia. A administração de Indaiatuba prevê que a usina contribua para manter os rios e córregos mais limpos, pois o despejo do óleo de cozinha nas pias e ralos do município será reduzido ou até deixará de existir. Para se ter idéia da importância do êxito deste projeto, cada litro de óleo saturado que chega a um rio, polui 1 milhão de litros de água, dificultando assim a reprodução de plantas e peixes e encarecendo o tratamento dos esgotos.

Outra vantagem está na geração de milhares de empregos e no desenvolvimento econômico da região de Campinas, tanto para realizar a coleta e distribuição do produto como para o plantio de vegetais por pequenos agricultores.

Produção do biodiesel - O biocombustível é resultado de uma reação química chamada de transesterificação entre um ácido graxo e um álcool (ou um etanol obtido de cana ou o metanol, de cereais e madeira). Essa reação química produz glicerina e diesel. A glicerina é separada para outras utilidades, entre elas, a fabricação de sabão.

Em cada litro de óleo saturado produzido pela futura usina de biodiesel urbano de Indaiatuba, é estimado que 15% seja transformado em adubo, 10% em glicerina e 75% em combustível não poluente.

Etanol

Estudo prova que biocombustíveis podem causar danos ambientais – Sítio Eletrônico da CPT – 11/02/2008

Segundo pesquisa publicada no site da revista [Science](#), seriam necessários 320 anos para que começasse a valer a pena, do ponto de vista ambiental, derrubar a floresta amazônica para produzir biodiesel. Os biocombustíveis podem ser prejudiciais ao meio ambiente se forem produzidos em áreas anteriormente formadas por florestas tropicais, savanas ou pastos. A emissão de carbono pela conversão da mata nativa em culturas de soja, por exemplo, seria maior do que o volume que deixaria de ser emitido com a utilização dos novos combustíveis. Dependendo do modo como foram produzidos, os biocombustíveis podem emitir carbono mesmo antes de serem utilizados. “Precisamos ter certeza de que não estão piorando o problema”, afirmou o autor do estudo, Jason Hill, da Universidade de Minnesota, nos EUA.

Canaviais empregam mais índios - Roldão Arruda – Estado de São Paulo – Nacional – 11/02/2008

Segundo fiscais do trabalho, guaranis são maioria nos casos de superexploração em Mato Grosso do Sul

Todos os dias, no fim da tarde, o movimento na estrada de acesso às Aldeias Jaguapiru e Bororó, na periferia de Dourados, em Mato Grosso do Sul, aumenta. É quando chegam os ônibus de trabalhadores rurais, após mais uma jornada nas usinas de açúcar e álcool da região. Vêm lotados de índios.

Nestes dias eles estão trabalhando no plantio da cana. Mais tarde serão mobilizados para o corte, numa rotina que constitui hoje a principal fonte de renda nas duas aldeias, onde moram 12 mil índios guaranis.

Com a chegada de novas usinas na região, a mão-de-obra guarani tem sido cada vez mais requisitada. De acordo com cálculos do Ministério Público do Trabalho, já chega a 13 mil o número de índios nas usinas.

Esse movimento preocupa autoridades trabalhistas e organizações não-governamentais de apoio aos índios. Na opinião do procurador Cícero Pereira, que até o ano passado chefiava a Procuradoria-Geral do Trabalho no Estado, a busca da mão-de-obra indígena deve-se sobretudo ao desinteresse de outros grupos: “Os não-indígenas não querem saber do trabalho dos canaviais, que é pesado e considerado de segunda categoria.”

A alternativa dos usineiros seria importar mão-de-obra do Nordeste ou de Minas. “Mas eles evitam isso, por causa do custo do transporte e porque os trabalhadores daquelas regiões são mais organizados e se mobilizam em casos de superexploração”, continua o procurador. “Os índios suportam melhor as pesadas jornadas nos canaviais e são tidos como trabalhadores menos exigentes.”

TRABALHO ESCRAVO - Para combater a superexploração foi organizada uma comissão permanente de investigação das condições de trabalho, que reúne 32 instituições, de sindicatos a universidades. No ano passado, essa comissão e os fiscais do Ministério do Trabalho resgataram 1.568 pessoas que se encontravam em condições análogas à escravidão. A maioria era de índios. Só numa usina foram resgatados 820 guaranis.

As autoridades também procuram os donos de usina para a assinatura dos chamados termos de ajuste de conduta, com o objetivo de respeitar as tradições indígenas no local de trabalho. Um exemplo: anteriormente, os índios ficavam confinados nos canaviais, longe das famílias, por períodos de até 70 dias. Hoje, a cada 45 dias devem ser levados para as aldeias, de onde retornam quatro dias depois. Mesmo assim, os índios preferem trabalhar em usinas próximas de suas casas - o que permite ir e voltar no mesmo dia.

Outra norma da região: como os guaranis não gostam de permanecer longos períodos no mesmo local, podem pedir a rescisão do contrato de trabalho a cada final de

temporada no canavial. Nestes casos, são demitidos sem justa causa, com liberação do FGTS e pagamento de uma multa de 40% sobre seu valor total. Além disso, os índios podem requerer, em anos alternados, o seguro-desemprego.

Nas ONGs, a preocupação é outra: com mais empregos, cai o nível de mobilização e de reivindicação dos índios por mais terras. De acordo com o historiador Antonio Brand, coordenador do Programa Guarani-Caiuá da Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, a maior parte dos problemas sociais que eles enfrentam em Mato Grosso do Sul está relacionada à falta de terras.

“Desde o início do século 20, eles estão sendo confinados à força em pequenas reservas. Isso inviabilizou sua estrutura social, organizada por laços de parentesco, e deu origem aos conflitos internos, alcoolismo, violência, uso de drogas, suicídios”, diz o historiador. “Agora, no momento em que esse grupo se encontra tão debilitado, lhe oferecem a possibilidade de trabalho nos canaviais, o que pode enfraquecer a luta pela demarcação de novas terras.”

Para os índios, que na maioria dos casos vivem dos programas públicos de distribuição de renda, as usinas são vistas como alternativa para melhorar seu padrão de vida. Muitos trabalham um período no canavial, retornam à aldeia, para tocar lavouras de subsistência, e depois pedem a recontração.

Maciel Spindola, guarani-caiuá de 18 anos, conta que foi registrado pela usina. “Com horas extras, ganho entre R\$ 600 e R\$ 700 por mês”, diz o rapaz. Ele sai de casa às 6 horas da manhã e volta no início da noite. “Eles dão café da manhã, almoço e janta”, enfatiza.

Maciel conta que o trabalho é exaustivo e que os mais fracos costumam ser afastados das equipes de trabalho. Essas equipes são formadas e dirigidas por um “cabeçante” - que também é índio e tem salários maiores que os demais.

Juvenal Lederme, guarani-nhandeva de 24 anos, é um desses cabeçantes. Conta que nos períodos de pico do corte da cana, à frente de uma equipe de 11 cortadores, já chegou a ganhar R\$ 2.900 por mês. “A pior parte do trabalho é ficar longe da família. Mas fazer o quê?”, diz o índio, pai de um garoto de 2 anos.

Biodiesel: Estaleiro Mac Laren expõe projeto – Sítio Eletrônico do MDA - 01/02/2008

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, recebeu na tarde desta quinta-feira (31), em Brasília, executivos do Estaleiro Mac Laren, sediado em Niterói (RJ). O encontro aconteceu com o objetivo de discutir formas de participação de agricultores familiares na produção de biodiesel a partir do pinhão-manso. A comitiva estava acompanhada do vice-governador do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde, e também apresentou ao ministro um projeto para o cultivo dessa planta numa área de 30 mil hectares em Roraima (RR).

A presidente do estaleiro, Gisela Mac Laren, informou ao ministro que a empresa realiza estudos com o pinhão-manso há quatro anos numa fazenda localizada em Rio das Flores (RJ), inclusive com investimentos para análise comportamental da planta no solo do estado. De acordo com ela, uma muda já está sendo processada para extração da semente, o que possibilitará o plantio em larga escala. “A intenção é inserir os agricultores familiares do Rio de Janeiro no nosso projeto e aproveitar áreas ociosas da região”, disse.

Guilherme Cassel parabenizou a empresa pela iniciativa e explicou que existe interesse do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) em apoiar, por meio da agricultura familiar, a produção de biodiesel com o pinhão manso. Mas o ministro ressaltou que, para incentivar essa participação com crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), é preciso, antes, que essa cultura seja zoneada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Como forma de auxiliar o estudo, a consultora técnica do Programa de Biodiesel no MDA, Edna Carmélio, explicou ser possível que o Ministério aponte culturas já zoneadas, e que geram renda para a agricultura familiar, para o plantio consorciado com o pinhão-manso. “Assim, tratamos o cultivo dessa planta de uma forma bastante controlada e bem restrita para não haver riscos ao agricultor familiar”, sugeriu ela.

Cassel definiu que haverá um encontro, no Rio de Janeiro, entre os técnicos do MDA e do Estaleiro Mac Laren para trocar informações sobre a pesquisa e debater as potencialidades do pinhão-manso para a agricultura familiar. O objetivo, segundo o ministro, é estudar as melhores maneiras de fomentar a participação desses agricultores na cadeia do biodiesel.

Para o vice-governador do Rio de Janeiro, o próximo passo agora é buscar o zoneamento da cultura para que a agricultura familiar reforce o cultivo do pinhão-manso no Brasil. “Os produtores rurais têm pedido muito que a gente consiga o apoio do Pronaf. O ministro nos anima só de ter se mostrado entusiasmado com o projeto”, disse.

Setor sucroalcooleiro concentra uso de trabalho escravo – Sitio Eletrônico do MST – 07/02/2008

O Grupo Móvel do Ministério do Trabalho, que atua no combate ao trabalho semelhante à de escravidão, concluiu que em 2007 as ações se concentraram no setor sucroalcooleiro.

De acordo com o Grupo, as atuações foram programadas de forma diferenciada e os resultados foram positivos, garantindo um grande número de trabalhadores libertados. 2007 foi o ano em que mais se libertou. No geral, foram mais de 5.8 mil pessoas libertadas em 197 fazendas fiscalizadas em todo o país.

Em julho de 2007, mais de 1.1 mil trabalhadores foram descobertos na fazenda Pagrisa Pastoril S/A, no estado do Pará, vivendo em condições desumanas. A Secretaria de Inspeção do Trabalho emitiu no final do último ano, uma notificação para todas as usinas de álcool.

No documento, a Secretaria exige o cumprimento de normas para que as usinas não sejam mais flagradas com trabalho escravo. Além disso, promete intensificar ainda mais essas fiscalizações.

A Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo defende que é preciso punições mais rigorosas do que apenas pagamento de multas aos proprietários de usinas que usam mão-de-obra escrava.

A Comissão elogia a criação da “lista suja” - onde constam os empregadores que usam mão-de-obra escrava em suas propriedades. A última divulgada no final de 2007, tem 189 nomes. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) informa que aproximadamente 40 mil pessoas são mantidas em situação de escravidão em todo país.

Agrocombustíveis não garantem diminuição do aquecimento global – Sitio Eletrônico do MST – 08/02/2008

As vantagens que os agrocombustíveis podem trazer para o combate ao aquecimento global foram novamente questionadas. Um artigo publicado pela revista americana Science, faz um alerta sobre os danos ambientais que a produção de agrocombustíveis podem causar. A revista cita a floresta amazônica e afirma que seriam necessários 320 anos para valer a pena derrubar a floresta para cultivar soja e produzir biodiesel.

A queima do biodiesel, etanol e outros agrocombustíveis, emitem até 30% menos gases causadores do efeito estufa. No entanto, em todo o mundo, seriam emitidos até 420 vezes mais gases-estufa na atmosfera com a alteração das matas em campos de cultivo soja e outros insumos agrícolas. O desmatamento para o cultivo da soja é motivo de preocupação no Brasil. Em 2007, a devastação da floresta amazônica aumento quase 300% apenas no estado do Pará. A devastação da floresta amazônica e do cerrado brasileiro são os principais fatores responsáveis pela emissão de gases-estufa feitas pelo país. Apenas em 2004, a prática do desmatamento liberou 776 giga toneladas de CO₂ – gás que causador do efeito estufa - na atmosfera.

Desmate para plantio de agrocombustível agrava o efeito estufa – Carlos Orsi – Sítio Eletrônico do MST – 13/02/2008

Segundo o trabalho, publicado na revista Science e disponibilizado no website da Nature Conservancy, o carbono liberado na atmosfera com a destruição de florestas tropicais, pântanos, cerrados e pradarias para o plantio de matéria-prima para biocombustível supera o benefício que o uso do biocombustível traria.

"Se os biocombustíveis vão ajudar a mitigar a mudança climática global", diz o texto publicado na Science, "nossos resultados sugerem que terão de ser produzidos com pouca redução do estoque de carbono orgânico nos solos e na vegetação" dos ecossistemas preexistentes.

As conversões de uso da terra para o plantio de milho ou cana-de-açúcar (fontes de álcool etanol) e dendê ou soja (biodiesel) liberam de 17 a 240 mais gás carbônico que as emissões que seriam evitadas, anualmente, pela substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis, dizem os pesquisadores, que levaram em consideração não apenas o carbono liberado pelo fogo no primeiro momento de limpeza do terreno, mas também a liberação lenta que ocorre com a decomposição da matéria orgânica por microorganismos.

De acordo com o estudo, o CO₂ emitido na destruição da vegetação original gera uma "dívida de carbono" que precisa ser saldada antes que se possa afirmar que os biocombustíveis estão ajudando a combater o efeito estufa.

A conversão de pântanos para a plantação de dendê na Indonésia gera a maior dívida de carbono, uma que precisaria de 423 anos para ser paga. O segundo pior caso é o da produção de soja na Amazônia, que só passaria a gerar biodiesel "grátis" depois de 319 anos.

Já a conversão do cerrado brasileiro em lavouras de cana, para produção de etanol, criaria uma dívida que só seria paga em 17 anos; a conversão do cerrado em soja criaria um excesso de carbono que só seria abatido da atmosfera em 37 anos.

O estudo analisou também o resultado da conversão das pradarias dos EUA em campos de milho, chegando a uma dívida que só estaria paga após 93 anos. O único cenário que não gerou dívida alguma foi o de conversão de terras usadas, nos EUA, para a produção de alimentos em fontes de etanol de biomassa - feito com capim.

De acordo com um dos autores do trabalho, o economista Stephen Polasky, "os proprietários da terra são pagos para produzir óleo de dendê e outros produtos, mas não para administrar as emissões de carbono". Segundo ele, "isso cria incentivos para a limpeza excessiva do solo e pode gerar grandes aumentos das emissões de carbono".

De acordo com o principal autor do estudo, o pesquisador Joe Fargione, da Nature Conservancy, "esta pesquisa examina a conversão do solo para os biocombustíveis e pergunta se isso vale a pena. Surpreendentemente, a resposta é não".

Fargione argumenta que toda produção agrícola de combustível causa algum tipo de destruição, direta ou indireta, de habitat. "A agricultura global já está produzindo comida para seis bilhões de pessoas", pondera. "Produzir biocombustíveis baseados em alimentos vai exigir que mais terra seja convertida em agricultura".

Uma solução sugerida no texto elaborado pelos cientistas é o uso de terras agrícolas degradadas ou abandonadas para o cultivo de espécies nativas perenes, como variedades de capim e leguminosas, que seriam usadas na produção de biocombustível.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Navios com cana para a Europa? - Maurilio Biagi Filho – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 13/02/2008

Manchetes recentes informam que a União Européia (UE) aposta em etanol para reduzir as emissões de CO₂. Essa notícia, embora óbvia, repercutiu com agradável surpresa, já que o histórico protecionismo dos países ricos diminui as chances de gerar riqueza nas nações pobres. Se isso se confirmar, será a primeira vez que a Europa dependerá de um produto brasileiro e não da matéria-prima. Porque, se fosse possível, a UE armaria uma frota de navios frigoríficos carregados de cana congelada para transformá-la em etanol e aproveitar seu bagaço para energia elétrica. Bem ao estilo da relação colonial de antigamente.

Até 2020, os biocombustíveis representarão pelo menos 10% dos combustíveis utilizados para transporte na Europa, e será iniciativa de grande importância para o desenvolvimento e consolidação do mercado europeu de energia verde. Minha incredulidade baseia-se na história e no longo caminho que essa política precisa percorrer até virar realidade.

Ainda será necessário o Parlamento Europeu e os Estados da UE aprovarem a lei que estabelece critérios para garantir que os biocombustíveis utilizados na Europa emitam no mínimo 35% menos gases causadores do efeito estufa. Mais: que sejam produzidos de forma sustentável, com base nas “melhores evidências científicas disponíveis e nas mais relevantes normas internacionais”. Esse conceito exclui a maneira com que eles próprios produzem etanol de fontes naturais.

Historicamente, os países europeus investem muito na irrisória produção de etanol a partir de fontes naturais - uva, beterraba, colza, trigo -, mas a receita de sua venda não paga nem mesmo os custos da produção. Por isso, a Europa lidera a sórdida campanha de desmoralização do etanol brasileiro como combustível alternativo, renovável e limpo.

O porta-voz do Departamento de Energia dos EUA já se adiantou: “Se o Brasil quiser participar do volume de etanol que a Europa importará, terá de emitir certificado de que ele não é fruto de devastação florestal.” Diante dessa declaração, pergunto: desde quando o etanol desmata a floresta amazônica? Essa declaração é mais um elemento que compõe o complô infundado contra o nosso álcool.

Outros elementos que compõem a campanha de desmoralização do etanol são dois documentários veiculados em redes internacionais de televisão, recentemente. O primeiro, na TV sueca, dias antes da visita do presidente Lula, retrata uma situação muito distante da que os sérios empresários do setor sucroalcooleiro trabalham para construir. Na mesma linha, aliás, quase uma cópia editorial, é a reportagem veiculada pelo (esperava-se) respeitado canal Bloomberg.

Tratar uma exceção como regra não condiz com o princípio básico do jornalismo, e sim como interesse da economia e reserva de mercado - americanos, nesse caso. Se as atrocidades mostradas nos dois documentários forem verdadeiras, em vez das páginas de economia, esses casos precisam figurar nas páginas policiais dos jornais, pois não falamos de empresários, e sim de donos de engenhos escravagistas.

Precisamos estar atentos para separar o joio do trigo. A desmoralização do nosso setor de energia renovável interessa a muitos países. Nós, como verdadeiros brasileiros, ao saber de um caso de maus-tratos, escravidão ou qualquer outra situação degradante, devemos denunciá-lo à polícia - o silêncio significa conivência.

Nosso modelo é incontestavelmente eficiente, sem falar no seu custo de produção perante outras fontes. Só no Brasil o etanol é tão competitivo quanto a gasolina. Testados e aprovados por mais de três décadas, os biocombustíveis podem representar uma contribuição extremamente significativa para mitigar o aquecimento global. Essa notícia significa, pelo menos, o reconhecimento da UE quanto aos benefícios do etanol. Em 2007, o álcool representou 45% de todo o combustível utilizado por veículos leves, o que permitiu ao Brasil reduzir suas emissões de CO2 em 25,8 milhões de toneladas.

Para atingir as metas propostas por essa política, a Europa terá de importar cerca de 20% de etanol do Brasil. Trata-se de número bastante expressivo, que exigirá medidas internas e tempo para atender a essa demanda. O volume exportado, por si só, representa pouco e não muda a nossa condição de melhor produtor de álcool do mundo. Precisamos, apenas, de contratos de longo prazo, que garantam a compra da produção. Agora, o Brasil terá voz e mais força nas negociações internacionais.

EUA não mudam tarifa de álcool no orçamento – Folha de São Paulo – Dinheiro – 05/02/2008

DA REUTERS - O governo Bush não propôs alteração às tarifas de importação de álcool no orçamento de 2009, enviado ontem ao Congresso, disse uma porta-voz do Departamento de Energia.

A assessora disse que embora a tarifa de US\$ 0,54 por galão expire em dezembro, durante o ano fiscal de 2009, que começa em outubro, o governo terá discussões com os parlamentares neste ano sobre o que deve ser feito.

O secretário de Energia dos EUA, Sam Bodman, havia dado sinais na semana passada de que era favorável à eliminação ou à redução da tarifa.

A grande transformação por que passa o mercado agrícola mundial interessa diretamente ao Brasil. O preço das commodities tem influência direta sobre as exportações brasileiras e o biocombustível coloca o Brasil na linha de frente na luta para reduzir a dependência do petróleo e diminuir as emissões de gás carbono, que tantos prejuízos causam ao meio ambiente. A revista “The Economist”, em recente estudo, com dados significativos chama a atenção para as conseqüências do aumento do preço dos alimentos sobre a economia global e, em especial, sobre os países em desenvolvimento. Contrastando com a queda de 75% dos preços das commodities agrícolas no período 1974-2005, o índice The Economist de produtos agrícolas no mercado mundial está hoje no nível mais elevado desde sua criação em 1845.

Mesmo em termos reais, os preços cresceram 75% desde 2005 e deverão manter-se nesses níveis, pelo menos, por uma década. Estudos mostram que o preço dos cereais deverá crescer entre 10% e 20% até 2015.

Normalmente, o aumento no preço das commodities deriva da escassez do produto e de baixos estoques, refletindo uma situação de desequilíbrio entre a oferta e a demanda. O que ocorre agora é a elevação das cotações, mesmo quando existe excedente, visto que a produção de cereais em 2008 será a maior da História.

“The Economist” denomina esse fato, pelo seu impacto sobre a economia internacional, de agflation.

Essa situação indica que as alterações do quadro são estruturais e não temporárias.

Duas razões básicas podem ser apontadas para justificar a atual alta no preço dos produtos agrícolas: o aumento do consumo de alimentos na China e na Índia e o rápido crescimento da demanda por etanol como combustível. A demanda por etanol foi a principal razão do aumento do preço dos grãos em 2007, o que, por sua vez, acarretou a elevação do preço de outros produtos, como soja e milho.

A médio e longo prazo, os avanços tecnológicos, especialmente na genética agrícola, poderão beneficiar muitos agricultores. O acréscimo de novas regiões produtoras, porém, apresenta problemas significativos: A maior parte das novas áreas que poderão ser incorporadas para o plantio encontra-se em áreas remotas do Brasil, da Rússia, do Cazaquistão, do Congo e do Sudão; enormes investimentos em infra-estrutura (estradas, ferrovias); crescente perigo de mudanças climáticas (segundo alguns estudos, o aquecimento global poderá reduzir a produção agrícola mundial em cerca de 15% em 2020); e o alto preço do petróleo (influência sobre o preço dos fertilizantes, responsáveis em boa parte pelo incremento da produção agrícola nos últimos 50 anos).

Os países mais pobres com reduzida produção agrícola e os países mais ricos serão os grandes perdedores.

Segundo o Banco Mundial, 3 bilhões de pessoas, 75% entre os mais pobres do mundo, vivem nas áreas rurais dos países em desenvolvimento e, desses, 2,5 milhões estão na agricultura.

Assim, se por um lado, os mais pobres poderiam ser beneficiados pelos altos preços das commodities, o que ocorre na prática é o contrário: a maior parte dos países vive com renda abaixo do nível de pobreza e não pode pagar os alimentos cada vez mais caros. Os países em desenvolvimento deverão gastar de mais de 50 bilhões de dólares com a importação de cereais em 2007, 10% a mais do que no ano passado. Por outro lado, entre

outros países desenvolvidos, Japão, México e Arábia Saudita serão afetados diretamente pelo aumento dos preços dos alimentos.

Evidentemente há também ganhadores com essa situação. Nos EUA, o maior exportador mundial de produtos agrícolas, a renda líquida do agricultor em 2007 será de US\$ 87 bilhões, 50% a mais do que a média dos últimos 10 anos. Outros beneficiários, pelo aumento da eficiência e dos preços, são países em desenvolvimento, como o Brasil, a Argentina, a Índia, África do Sul e alguns outros africanos.

O Brasil está muito bem posicionado para ser um dos principais países favorecidos por essa tendência. Tanto em pesquisa e na extensão de terras agriculturáveis, quanto na produção agrícola, do etanol e do biodiesel, o Brasil goza de vantagens competitivas importantes. Isso representa uma enorme oportunidade que não podemos deixar passar.

Etanol sem tarifa? – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 08/02/2008

O governo Bush não propôs nenhuma alteração na tarifa de importação de etanol em seu novo Orçamento 2009, enviado ao Congresso dos EUA na última segunda-feira, afirmou um porta-voz do Departamento de Energia, à agência Reuters. Embora a tarifa de US\$ 0,54 por galão expire no fim de dezembro, durante o ano fiscal de 2009 que começa em 1º de outubro, o governo terá discussões com os parlamentares ainda este ano sobre o que deve ser feito com a tarifa. A taxa visa proteger os produtores americanos de etanol das importações mais baratas.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Virgin faz 1.º vôo com biocombustível – Estado de São Paulo – Vida & - 25/02/2008

A Virgin Atlantic realizou ontem o primeiro vôo mundial de uma aeronave comercial abastecida com biocombustível natural. O avião, um Boeing 747, voou de Londres a Amsterdã sem passageiros a bordo. A aeronave teve um de seus quatro tanques abastecido com combustível biológico, composto de óleo de coco e babaçu. Os outros três usaram combustível convencional, para evitar acidentes caso o biocombustível congelasse em grandes altitudes. O vôo transcorreu sem problemas.

O 1º voo com biocombustível – O Globo – Economia – 25/02/2008

Virgin usa mistura com sementes da Amazônia

LONDRES. Um Boeing 747 da Virgin Atlantic fez ontem o primeiro voo comercial com biocombustível. A mistura, com sementes extraídas da floresta amazônica, é composta por dois tipos de biodiesel, um extraído do babaçu e outro à base de coco. A aeronave, sem passageiros, decolou de Londres por volta do meio-dia, com destino a Amsterdã.

— Essa demonstração de voo com biocombustível deixa clara a factibilidade do uso do biodiesel em aviões comerciais, e é um passo significativo em direção a uma visão de longo prazo, totalmente sustentável e com poucas emissões de gás carbônico, para a aviação industrial — disse o bilionário britânico Richard Branson, fundador da Virgin. — É um marco vital para toda a indústria da aviação. As companhias aéreas estão procurando reduzir custos, diante da escalada do preço do petróleo, que, na semana passada, atingiu US\$ 101 o barril. O biocombustível é visto como opção mais barata e menos poluente.

A mistura usada pela Virgin contém 20% de biocombustível e 80% do combustível tradicional. Segundo Branson, testes apontam que é possível se voar com 40% de biocombustível.

Seqüenciado o genoma do milho nos EUA – O Globo – Ciência – 28/02/2008

Descoberta pode ajudar os cientistas a tornar mais eficiente a produção de biocombustível Cientistas americanos anunciaram ter seqüenciado o mapa genético do milho, um produto intensamente cultivado no mundo e fonte de alimento e combustível, como o etanol.

A descoberta pode ajudar a melhorar vários tipos de grãos e cereais.

— A partir de agora, poderemos investigar com precisão e eficiência o genoma do milho para descobrir meios de melhorar a plantação e, em conseqüência, aumentar o rendimento das sementes e a resistência à seca e às doenças — disse em um comunicado Richard Wilson, da Universidade Washington, em St. Louis, cuja equipe liderou as pesquisas.

Os trabalhos para seqüenciar o mapa genético do milho custaram US\$29,5 milhões, financiados pela Fundação Nacional de Ciência, dos Departamentos de Agricultura e de Energia dos EUA. O investimento se justifica, garantem os pesquisadores.

— O milho é um dos grãos mais importantes para os EUA — explicou Arden Bement, diretor da Fundação. — Completar essa seqüência do genoma do milho representa um avanço científico significativo e vai estimular o crescimento da comunidade agrícola e a economia como um todo.

Para Ralph Quatrano, diretor do departamento de biologia da universidade, o genoma vai ajudar a revelar a biologia básica do milho.

— Essas informações podem ser usadas para buscar genes que tornam o milho mais nutritivo ou mais eficiente para a produção de etanol, por exemplo.

Dedini no exterior – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 26/02/2008

A Dedini irá fornecer, em parceria com DeSmet Ballestra, tecnologia, serviços e equipamentos para a sua primeira usina de biodiesel vendida ao mercado externo. A unidade terá capacidade de produção de 100 mil toneladas/ano de biodiesel a partir de óleo de palma cru, equivalente a 2 mil barris/dia do combustível. O fornecimento é para a Ecodiesel Colômbia. O início das operações está previsto para fevereiro de 2009.

Genoma do milho – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 27/02/2008

Pesquisadores dos Estados Unidos conseguiram seqüenciar o mapa genético do milho. Os resultados, que serão apresentados amanhã, em Washington, permitirão produzir variedades melhores do alimento para responder à crescente necessidade alimentar e de biocombustíveis. O milho é o cereal mais cultivado no mundo.

Sem estímulo, produtores de biodiesel param as máquinas - Patrick Cruz e Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 27/02/2008

A disparada dos preços do óleo de soja nos mercados internacional e doméstico, que era considerada uma das principais ameaças ao avanço do programa brasileiro de biodiesel, iniciado em 1º de janeiro, começa a se transformar em obstáculo concreto. Como o produto é a principal matéria-prima para a oferta nacional, sua persistente tendência altista não só aumenta progressivamente os custos para a produção do biocombustível como torna cada vez mais atraente a exportação do próprio óleo. Resultado: das 51 usinas de biodiesel autorizadas a operar no país, pelo menos 30 estão paradas ou com produção esporádica.

Com uma demanda prevista em 800 milhões de litros para este ano, por conta da obrigatoriedade de se misturar 2% do biodiesel no diesel, o governo tem comprometida, por meio dos leilões de compra da Petrobras, uma oferta de 380 milhões de litros. Ainda que parte desse volume ainda não tenha sido entregue à estatal, que administra a distribuição aos postos, se isso acontecer o programa deverá correr sem sustos no primeiro semestre. Para a segunda metade do ano, porém, a garantia de oferta é uma incógnita, uma vez que boa parte dos produtores de biodiesel descarta operar no vermelho.

Edson Silva, superintendente de abastecimento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), reconhece que boa parte das usinas está parada e atribui o fato aos altos custos de produção. Mas, segundo ele, não há riscos de desabastecimento no país. "As usinas que estão em operação devem garantir a oferta".

O Brasil conta com uma capacidade instalada três vezes maior que a demanda, já que as 51 usinas instaladas podem produzir até 2,5 bilhões de litros por ano. Mas os produtores insistem que, sem mercado favorável, não vale a pena ligar as máquinas. "Coloquei minha fábrica à venda", diz Antônio dos Reis Felix, presidente do grupo Gasoil Distribuidora e um dos pioneiros do programa. A Biolix, instalada em Rolândia (PR),

começou a operar com biodiesel ainda em 2004. "Fomos a primeira fábrica do Brasil a operar pela rota do etanol, e hoje não vale a pena continuar no setor (...) O governo deveria preparar 30 caixões para 'enterrar' as 30 unidades de biodiesel que estão paradas no país", afirma.

No Mato Grosso, que reúne a maioria das plantas de biodiesel no país, a opção tem sido mesmo o processamento de óleo de soja. É o caso da Abrasoja, de Sorriso. A empresa participou dos leilões do governo, mas não produziu uma gota do combustível até agora, como informou ao Valor uma fonte interna.

Outra que está desanimada é a Ponte di Ferro. A companhia arrendava usinas e no momento está construindo três unidades próprias, mas reclama dos rumos do segmento. "O programa tem alegrias e tristezas. O lado bom é a possibilidade de criar riqueza no campo, mas isso ainda tem ocorrido de forma desorganizada", afirma Carlos Zveibil Neto, sócio-diretor da companhia.

A empresa foi uma das vencedoras do segundo dos sete leilões de compra realizados pela ANP. Os preços acertados, entre R\$ 1,799 e R\$ 1,830 por litro, foram os mais baixos entre as vencedoras daquela rodada. Seriam entregues 45 milhões de litros. A alta dos preços da soja e do sebo bovino, então base da produção da companhia, inviabilizou a atividade e o contrato foi cancelado, segundo Zveibil. A maior das três usinas em obras da Ponte di Ferro, todas com início de operações previsto para agosto, fica na região de Campinas (SP) e terá capacidade de 40 milhões de litros por ano. As outras duas, ambas com capacidade anual de 15 milhões de litros, ficam na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

Apesar dos percalços, Zveibil acredita que o mercado poderá melhorar depois de 2010, quando passará a ser obrigatória a mistura de 5% de biodiesel no diesel. "Esperamos que até lá as vendas possam ser feitas diretamente às distribuidoras, e não exclusivamente pelos leilões".

Segundo Nivaldo Trama, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Biodiesel (Abiodiesel), entidade que reúne as pequenas e médias indústrias do setor, a intenção da Petrobras de entrar no segmento com produção própria também atrapalha. "Hoje somente as plantas de biodiesel que estão verticalizadas na soja estão preparadas para enfrentar os custos".

Com o tempo, crê Zveibil, a onipresença da Petrobras será diluída. Ele faz contas: "a demanda do mercado hoje é de 800 milhões de litros. Com o litro a R\$ 2,20, o faturamento total chega a R\$ 1,620 bilhão. Se a Petrobras conseguir abocanhar 10%, o que é um resultado extraordinário, serão R\$ 162 milhões por ano. Isso não faz a menor diferença para uma empresa do porte dela", raciocina.

Outra pioneira, a Soyminas interrompeu a produção de sua planta, localizada em Cássia (MG), para melhorias no fluxo de produção da unidade, segundo Valter Egídio, presidente do conselho de administração da companhia. O objetivo é aumentar a produtividade por meio da redução dos custos de produção. "No último leilão, as grandes usinas jogaram o preço lá embaixo. Foi uma estratégia para marcar território. Para nós ainda era viável, mas muita gente não consegue produzir com os preços da última rodada." A unidade da Soyminas operava com girassol, nabo forrageiro e soja. Com as mudanças, poderá obter biodiesel também a partir do pinhão-manso. O aporte é de R\$ 3 milhões.

Ainda que, segundo Egídio, a usina até tivesse a possibilidade de obter margens com os preços do último leilão (cerca de R\$ 1,80 por litro), a Soyminas deve voltar suas baterias para o mercado externo. "Temos muitos interessados em comprar biodiesel no exterior e o preço que pagam é muito melhor", diz Egídio. A demanda é forte na Europa,

mas tem crescido fortemente também o interesse do Japão pelo combustível, segundo ele. "Pretendemos participar dos próximos leilões, mas o foco vai ser fechar o melhor contrato".

Outras usinas aparecem com uma produção irrisória nas estatísticas da ANP, mas por motivos não exatamente relacionados com as dificuldades do setor. A cearense Nutec, ligada ao governo do Estado, é uma delas. A licença concedida pela agência permite produção de 2,4 mil litros por dia, o que não tem sido alcançado por decisão estratégica. "Até podemos vender, mas preferimos deixar a usina dedicada apenas a projetos-piloto de pesquisa com novas fontes para a fabricação de biodiesel", diz Ricardo Mendes, diretor de inovação tecnológica da Nutec. Oiticica, babaçu e víscera de peixe estão entre as matérias-primas pesquisadas. Nas estatísticas da ANP, a unidade da Granol, de Campinas, produziu em seis dos 12 meses de 2006 e em nenhum de 2007. De acordo com a companhia, não houve produção na unidade porque ela está em fase de obras para ampliação.

Investimentos em novas plantas recuam – Valor Econômico – Agronegócios - 27/02/2008

Assim como no boom do etanol, que provocou uma verdadeira corrida para a construção de novas usinas no país, a implantação do programa de biodiesel no país também movimentou as indústrias de base e equipamentos. Três anos depois, passada a euforia - e os primeiros gargalos com o programa -, o cenário para os investimentos é outro.

Maior fornecedora de equipamentos e indústrias para o setor sucroalcooleiro, a Dedini Indústria de Base, de Piracicaba (SP), decidiu em 2003 intensificar sua atuação também em biodiesel.

O grupo forneceu e implantou cinco plantas de biodiesel, com capacidade de produção para 410 milhões de litros por ano e outras quatro estão em fase de desenvolvimento, segundo Sérgio Leme, vice-presidente da companhia. "Todas essas usinas estão em produção", afirma.

A demanda prometia. O grupo chegou a registrar entre 40 e 50 consultas para a construção de novas plantas nos últimos três anos. Mas os projetos não foram levados adiante, afirma. Segundo o executivo, as atenções do grupo agora estão voltadas para o mercado externo. "Temos consultas para plantas na América do Sul", revela Leme.

O executivo considera que o freio de mão nos investimentos reflete uma readequação à oferta. Hoje o país tem uma capacidade instalada de 2,5 bilhões de litros para um consumo três vezes menor previsto para 2008. "No início, os projetos de biodiesel estavam voltados para a agricultura familiar. Mas o programa realmente só deslançou a partir da entrada dos esmagadores de soja", diz. (MS)

Etanol

Unicamp sedia fórum sobre questão social em canaviais – Sítio Eletrônico da CPT –
21/02/2008

O Centro Interno de Estudos Rurais (CERES) organiza o fórum “A pesquisa social nos canaviais e nas hidrelétricas”, que será realizado no dia 4 de março, no auditório do Centro de Convenções da Unicamp. O fórum pretende discutir a questão social na produção da energia e divulgar as pesquisas que relacionam essa questão às usinas hidrelétricas e termelétricas. Na parte da manhã, será apresentado o documentário "Migrantes" (2007) e o tema de debate será “A situação nos canaviais”. No período da tarde, o tema de discussão será “A situação social nas regiões das represas e dos rios barrados”.

Procuradores querem interditar duas usinas – Estado de São Paulo – Nacional –
29/02/2008

Procuradores do Trabalho de Alagoas fizeram ontem inspeção judicial na Usina Santa Clotilde, em Rio Largo, na Grande Maceió, que pertence à família Oiticica. Após a inspeção, os procuradores decidiram reforçar o pedido à Justiça Federal para interditar a usina, onde os trabalhadores seriam submetidos a situação análoga à escravidão. Os procuradores vão reforçar também o pedido de interdição da Usina Laginha, em União dos Palmares, que é do ex-deputado João Lyra.

ACELERAÇÃO – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities –
16/02/2008

Os preços do álcool tiveram forte reação nas usinas nesta semana. Acompanhamento do Cepea indicou que o hidratado foi negociado, em média, a R\$ 0,7078 por litro na porta das usinas, com aumento de 5,1% na semana.

SALTO MENOR – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities –
16/02/2008

Já o álcool anidro -que é misturado à gasolina- subiu para R\$ 0,7894 por litro, com evolução semanal de 3,68%. Esses preços apurados pelo Cepea não incluem tributos.

RECUO DE RECEITAS– Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém das Commodities –
16/02/2008

As cooperativas paulistas elevaram em 12% o volume exportado em 2007, puxado por açúcar e álcool. Mas o faturamento com açúcar caiu para US\$ 1,07 bilhão, 4% menos

do que em 2006. Na avaliação da Ocesp (organização das cooperativas paulistas), a queda do açúcar motivou o recuo.

Cana concentra trabalho degradante _ Thiago Reis e João Carlos Magalhães – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008

No ano passado, mais da metade da libertação de pessoas em condições semelhantes à escravidão ocorreu em usinas - Usineiros dizem que casos são pouco representativos; ministério também realiza resgate de trabalhadores na pecuária e em carvoarias

No ano em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tornou o álcool combustível uma de suas principais bandeiras, alçando os usineiros a "heróis mundiais", mais da metade das libertações de trabalhadores em condições degradantes ou análogas à escravidão no Brasil ocorreu em usinas de cana-de-açúcar.

Em 2007, os grupos móveis do Ministério do Trabalho resgataram em propriedades do setor sucroalcooleiro 3.117 pessoas em situação degradante -53% do total (5.877). O restante foi resgatado em atividades como pecuária e carvoaria.

O número chama a atenção especialmente se comparado a 2006 -ano em que nenhum trabalhador foi libertado em usinas de cana, segundo levantamento feito pelo ministério a pedido da **Folha**.

Das 110 operações de resgate realizadas em todo o ano passado, apenas 8 tiveram usinas de cana como foco.

Uma das operações, feitas na Pagrisa, em Ulianópolis (PA), estabeleceu um novo recorde de trabalhadores libertados em uma mesma fazenda: 1.064.

Para o engenheiro de produção Paulo Adissi, da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), a situação dos canaviais brasileiros é em parte reflexo de uma "pressão muito violenta" sobre o trabalhador, que "aceita condições de grande aviltamento à saúde e à dignidade porque vive na miséria".

Autor de estudos sobre o trabalho exaustivo no setor, Adissi diz que não faltam terras nem equipamentos modernos no Brasil. "É a tecnologia social que é muito arcaica. A elevação da produtividade se dá por pressão, o que explica as mortes no campo em São Paulo."

Segundo ele, "se forem oferecidos aos trabalhadores salários dignos, é bem possível que essa chamada vantagem competitiva brasileira do álcool se reduza muito". No caso da Pagrisa, segundo os auditores fiscais, foram encontradas irregularidades como proibição de descanso das 4h30 até depois das 18h, a não ser para almoço, banheiros sem

nenhuma higiene ou conservação, água quente e com gosto de ferrugem e alimentos de baixa qualidade.

A Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) diz que ocorreram "fatos isolados" e que isso não pode macular a imagem do setor sucroalcooleiro, que tem problemas, mas trabalha para saná-los.

Fronteira agrícola - Parte das operações ocorreu em áreas onde há crescimento da fronteira agrícola. Em Mato Grosso do Sul e em Goiás, foram quatro blitzes e 1.622 libertações. Em Igarapava (SP), 42 pessoas foram resgatadas de uma das unidades do grupo Cosan, que se intitula "um dos maiores produtores de açúcar e álcool do mundo".

Também houve autuações em Minas Gerais e no Ceará. Somente em indenizações arbitradas pelos fiscais aos libertados do setor de cana, foram pagos R\$ 4,7 milhões em 2007.

Segundo o Ministério do Trabalho, a demanda por um grande número de trabalhadores para as colheitas após o setor canavieiro ganhar destaque na economia fez com que aumentasse o número de denúncias de exploração no pico da safra. Em razão do número expressivo de libertados, o ministério encaminhou uma notificação preventiva às usinas de cana com especificações sobre as condições ideais de trabalho e a remuneração por produção.

Na opinião de Adissi, o próprio mercado, ao impor barreiras e exigir certificações de qualidade ambiental e social, pode controlar essa exploração. Em março de 2007, ao falar sobre o incentivo dado em seu governo à produção de álcool e cana, o presidente Lula disse que os usineiros estavam deixando de ser "bandidos" para virar "heróis mundiais".

Usineiros afirmam que casos são isolados – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008

DA AGÊNCIA FOLHA - Ao comentar o número de 3.117 pessoas encontradas pelo Ministério do Trabalho em situação degradante em propriedades do setor sucroalcooleiro, a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) disse que é preciso considerar que o setor emprega 1 milhão de pessoas.

A entidade diz que só duas operações concentram a maior parte dos casos. São oito usinas autuadas. Há no país cerca de 360, afirma a Unica, que considera os fatos "isolados". A entidade diz ainda que, como não houve todo o trâmite administrativo e as empresas ainda não constam da chamada "lista suja" do Ministério do Trabalho, é prematuro falar em "libertações" - termo usado pelo ministério. As usinas em que foram feitas as autuações também dizem que não havia "prisoneiros" nos locais.

Segundo a Unica, o setor tem feito esforços e registrado melhoras, como ser uma das atividades que mais contrataram com carteira assinada em 2007.

A entidade também diz que só a soja tem um salário médio melhor que a cana no campo.

João Pessoa de Queiroz Bisneto, dono da Cia. Brasileira de Açúcar e Álcool/Agrisul, diz que, com o crescimento, o setor passou a ser mais visado. "Mas acredito que deve ter havido contratação irregular. O setor ficou mais exposto porque entrou gente sem expertise."

Sobre libertações de índios numa de suas propriedades, diz que as acusações eram "infundadas". "Tive de demiti-los e recontratá-los dias depois."

A Pagrisa também diz que houve "abuso de autoridade" por parte dos fiscais do ministério. "Os trabalhadores libertados estão até pedindo para voltar", diz Marcos Zancaner, diretor-presidente da fazenda.

A Destilaria Centro Oeste Iguatemi diz que o principal problema detectado no ano passado foi com os alojamentos e que em cinco dias todas as irregularidades foram sanadas. Em nota, a Cosan diz que assinou um termo de ajustamento de conduta e o cumpriu em 48 horas. A usina, que teve 42 libertados, diz que na safra tem quase 40 mil trabalhadores.

A Coruripe diz que eram os fornecedores que não estavam cumprindo com as exigências em relação aos alojamentos, mas que eles acertaram todas as irregularidades. A Energética do Cerrado foi contatada, mas não respondeu. A Agrocana JFS e as fazendas Pirangi e Três Marias não foram localizadas.

No interior de São Paulo, bairro pobre concentra canavieiros – Folha de São Paulo – Dinheiro – 17/02/2008

DA AGÊNCIA FOLHA, EM IGARAPAVA - Às 5h30, quando a maior parte de Igarapava (446 km de São Paulo) ainda dorme, quase todos os moradores do Campo de Aviação, bairro na periferia da cidade, estão acordados.

maior parte é de canavieiros, migrantes do Maranhão, de Pernambuco e do interior de Minas Gerais -gente que veio para colher uma safra e ficou.

Levantam às 5h para fazer a comida que levarão até as frentes de trabalho, não muito longe dali. Trabalham das 7h às 15h. Conseguem entre R\$ 500 e R\$ 700 por mês. Alguns estão ali há pouco mais de 30 anos, quando a ocupação surgiu.

Os casebres, erguidos com tijolos baianos ou pedaços de madeira, podem abrigar até 30 homens na época da colheita, quando a cidade recebe cerca de 8.000 trabalhadores de fora, de acordo com a prefeitura.

"É a lei do cão", diz o morador Luiz Antônio Rodrigues, 56, que parou de cortar cana há dez anos, depois de ter um pulmão atingido por um cabo de aço durante o trabalho. Poucos moradores do Campo tomaram conhecimento da blitz do Ministério do Trabalho que libertou 42 trabalhadores, em junho de 2007, em uma unidade do grupo Cosan, perto da cidade - a única ação de resgate em empresas sucroalcooleiras em São Paulo no ano passado.

Talvez porque, para todos os canavieiros de Igarapava com quem a Folha conversou, o maior vilão da cultura da cana não sejam as empresas, mas a própria natureza do trabalho.

"Hoje todas [as usinas] dão caneleira, óculos, água gelada no campo. É a maior moleza", afirma um dos moradores, de 45 anos, que não diz o nome e é conhecido por ser o "gato" (agenciador de mão-de-obra) do bairro. Depois de mostrar as cicatrizes de facão em sua perna, lembra que material de proteção era raro. "Quando ganhei minha primeira bota, não tirei nem para dormir", afirma.

Álcool vai matar sede por combustíveis, prevê Shell – Marianne Stigset – Folha de São Paulo – Dinheiro – 24/02/2008

Biocombustíveis serão 7% do mercado até 2030, diz empresa

Os biocombustíveis produzidos a partir do milho, da cana e de outros produtos agrícolas serão essenciais para atender às necessidades futuras de combustíveis do mundo, segundo Niel Golightly, vice-presidente de comunicação da Royal Dutch Shell, a maior empresa petrolífera da Europa.

A demanda por combustíveis duplicará até meados deste século, disse Golightly, na conferência International Petroleum Week, em Londres.

"Nós precisaremos dos biocombustíveis para saciar essa sede", disse ele. Os biocombustíveis responderão por 7% dos combustíveis usados no setor de transportes até 2030. Atualmente, são 1%, disse Golightly.

A crescente população mundial, a diminuição das reservas de combustíveis fósseis e a necessidade de reduzir as emissões de gás carbônico respaldarão o desenvolvimento e o uso de fontes alternativas de combustíveis, disse ele.

Os governos dos EUA e do Brasil estimulam o uso de combustíveis alternativos para limitar as emissões de CO₂, responsabilizadas pelo aquecimento global, e para reduzir a dependência do petróleo.

A cana, usada na fabricação do álcool no Brasil, provavelmente contribui mais para a redução das emissões do que os combustíveis feitos a partir do milho, disse Golightly. Os EUA preferem o milho.

Empresas como Shell, Chevron e BP (British Petroleum) investem em biocombustíveis produzidos com matérias-primas como algas, resíduos de madeira, palha e pinhão.

Estudos realizados pela Oxfam, pelo Greenpeace e pela OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico) dizem que os biocombustíveis terão um efeito limitado sobre as emissões e, ao mesmo tempo, elevarão os preços dos alimentos e causarão danos ao ambiente, com o desmatamento.

Blitz em Alagoas liberta mais 550 trabalhadores de usinas – Thiago Reis - Folha de São Paulo – Brasil – 29/02/2008

Força-tarefa encontrou empregados alojados em locais insalubres e sem água potável - "Os trabalhadores dormiam no chão, grudados um no outro, igual a uma cela superlotada", afirmou Luiz Carlos Cruz, do grupo móvel

Em uma megablitz em usinas de cana-de-açúcar em Alagoas, uma força-tarefa do Ministério Público do Trabalho e do grupo móvel do Ministério do Trabalho encontrou mais de 550 trabalhadores em condições degradantes em Rio Largo, Marechal Deodoro e Cajueiro.

Na sexta-feira, já havia ocorrido uma operação na usina Laginha, do grupo João Lyra (candidato derrotado ao governo do Estado pelo PTB e um dos maiores usineiros do país), em União dos Palmares. No início, foram alcançadas 61 pessoas, mas, como oito delas não moravam nos alojamentos, o número final de resgatados foi 53, segundo o grupo móvel.

No local, os fiscais dizem ter encontrado trabalhadores sem equipamentos de proteção, vivendo em alojamentos insalubres e sem água potável. Ontem, o corte da cana-de-açúcar foi interditado pela Justiça.

Outra fiscalização também envolveu um dos grandes grupos do Estado: o Toledo. Nas usinas Capricho e Sumaúma, cerca de 200 pessoas foram encontradas em alojamentos precários, de acordo com os fiscais.

"Com certeza, a situação ali nos alojamentos era a pior de todas, insuportável. Os trabalhadores dormiam no chão, grudados um no outro, igual a uma cela superlotada", afirmou o subcoordenador do grupo móvel, Luiz Carlos Cruz.

De acordo com o auditor, a primeira operação no setor sucroalcooleiro no Nordeste mostra que "não há como vender álcool para o exterior com esse tipo de procedimento". "Há descumprimento dos direitos humanos", afirma.

O álcool vendido pelo grupo Toledo tem como principais destinos a América do Norte, o Japão e a Coreia.

Segundo o grupo móvel, uma outra operação, na usina Santa Clotilde, no município de Rio Largo, também verificou 353 trabalhadores em condição degradante. Em razão de uma liminar, os contratos ainda não foram rescindidos.

Os auditores-fiscais afirmam que os quartos onde dormiam os homens não tinham janelas -apenas frisos na parte superior da parede-, as camas de cimento possuíam apenas espuma e só era fornecido feijão como alimento. De acordo com os fiscais, os trabalhadores dizem que se sentiam "humilhados", como "escravos".

Nesta semana, várias usinas de álcool e açúcar estão sendo inspecionadas pela força-tarefa. A operação foi batizada pelo Ministério Público do Trabalho de "Zumbi dos Palmares".

Os resgates em Alagoas já correspondem a 10% do total de libertações feitas pelo grupo móvel em todo o ano passado (5.877). Em 2007, mais da metade das pessoas resgatadas em condições degradantes ou análogas à escravidão no Brasil (3.117) saíram de usinas de cana-de-açúcar.

Usinas dizem que vão sanar irregularidades – Folha de São Paulo – Brasil – 29/02/2008

Um dos diretores do grupo Toledo, Jorge Toledo, disse que fará o que a Procuradoria do Trabalho determinar, inclusive rescindir os contratos dos cerca de 200 trabalhadores. "A gente vai ajudar na medida do possível e vencer os obstáculos apontados. Há vontade de se adequar à exigências."

Segundo Toledo, no entanto, como o Brasil é um "país multicultural", há detalhes que não são levados em conta. "Sempre há a opção de cama ou de rede. Muitos preferem a rede, mas a Procuradoria do Trabalho não a considera um lugar adequado para o descanso", disse.

"Banheiros rurais são padrão no Brasil inteiro, mas eles também foram indicados como não satisfatórios." Disse ainda que, "na agricultura do Nordeste, ninguém ganha mais do que o trabalhador na cana" e que "quase todos têm contrato formal".

Tatiana Simões, responsável pelo departamento jurídico da usina Santa Clotilde, afirmou que, de fato, foram encontradas algumas irregularidades, mas que estão sendo sanadas. Segundo ela, não houve rescisão dos contratos. "O trabalhador também não recebe só feijão. Há uma quentinha em recipiente térmico", afirmou.

Em nota, o grupo João Lyra voltou a afirmar que o resgate dos trabalhadores não ocorreu na usina: "O que ocorreu foi uma fiscalização na usina Laginha que não teve nenhuma dessas consequências divulgadas". O Ministério do Trabalho confirmou novamente o resgate.

Álcool volta a subir – Valor Econômico – Agronegócios – 18/02/2008

Depois das baixas registradas durante a entressafra no centro-sul, os preços do álcool combustível voltaram a subir. O litro do hidratado encerrou sexta-feira a R\$ 0,70777 (sem impostos), aumento de 5,1% sobre a semana anterior. O anidro fechou a R\$ 0,78936, alta de 3,68% sobre a semana anterior, de acordo com o Cepea. Segundo a Ecoflex Trading, as usinas estão segurando a produção e acreditam em novas valorizações durante este final de entressafra. A expectativa é de que algumas usinas da região inicie a moagem em março. Boa parte, contudo, deverá empurrar o início da safra para abril ou até mesmo maio.

Preços baixos afetam safra de cana do NE - Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Agronegócios - 18/02/2008

Mais de 70% da atual colheita de cana-de-açúcar está concluída na região Nordeste do país. A expectativa é que as usinas de açúcar e álcool da região processem 61 milhões de toneladas nesta safra 2007/08, um crescimento de 11% sobre o ciclo anterior.

"A safra segue normal, com chuvas beneficiando os canaviais neste verão", afirmou Renato Cunha, presidente do Sindicato das Indústrias de Açúcar e Alcool de Pernambuco (Sindaçúcar/PE).

Com uma das melhores safras dos últimos anos, os produtores do Nordeste reclamam, contudo, dos baixos preços do açúcar e do álcool no centro-sul do país. "Isto pode comprometer o tamanho da safra futura. Os produtores de cana não estão muito dispostos a investir em tratamentos culturais", afirmou Cunha. A renovação dos canaviais nordestino ocorre durante toda a safra e o período de adubação entre abril e junho.

A safra do Nordeste vai de abril a setembro e tradicionalmente é beneficiada pelos preços do centro-sul, que seguem firmes durante a entressafra na região - de dezembro a abril. No entanto, as cotações do açúcar e do álcool no centro-sul estão pouco atraentes por conta dos estoques confortáveis do produto neste período, o que afeta o Nordeste.

Alagoas e Pernambuco são, respectivamente, os maiores produtores nordestinos de cana. O indicador mensal de preços do açúcar em Alagoas ficou em R\$ 28,74 em janeiro passado, com baixa de 3% sobre dezembro. Para o álcool, o litro médio do hidratado saiu a R\$ 0,80501 (sem impostos), com queda de 3,5% sobre dezembro. Em Pernambuco, as cotações médias ficaram em R\$ 26,09, com recuo de 6,49% sobre o mês anterior.

O hidratado, por sua vez, ficou em R\$ 0,77669 (sem impostos), desvalorização de 4,3%, segundo levantamento mensal do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). "Os preços dos produtos estão em média até 20% mais baixos [sobre o mesmo período do ano passado]", afirmou.

De acordo com Cunha, a expectativa é de que o Nordeste produza 4,6 milhões de toneladas de açúcar, com alta de 9,5% sobre 2006/07. A oferta de álcool deverá ficar em 1,9 bilhões de litros, aumento de 14,7% sobre o ciclo anterior. Do total produzido, as usinas do Nordeste exportam 25% do álcool e 70% do açúcar.

Petróleo, nova base para negociações de álcool na Copersucar - Mônica Scaramuzzo-Valor Econômico – Agronegócios - 19/02/2008

A gigante Copersucar fechou um megacontrato para entrega de álcool com seu preço indexado ao petróleo. Esse tipo de contrato começa a ganhar corpo no Brasil à medida que a produção mundial de etanol se consolida como energia e dá mostras de que deverá superar a oferta de açúcar nos próximos anos.

Com faturamento de quase US\$ 2,5 bilhões, a Copersucar será a fornecedora exclusiva de álcool para a multinacional Solvay do Brasil. Esse contrato, fechado por um período de dez anos, prevê a entrega de cerca de 150 milhões de litros por ano para que a indústria substitua o nafta, derivado do petróleo, na produção de PVC.

Esta é a primeira vez que a Copersucar faz um contrato tão longo para o álcool - e com o preço atrelado ao petróleo -, afirma Hermelindo Ruete de Oliveira, presidente do conselho de administração da companhia. "Já tínhamos contratos de longo prazo para açúcar", afirma ele.

Como o nafta é derivado do petróleo, o álcool industrial que será usado para substituir a matéria-prima terá sua cotação atrelada ao óleo bruto. No Brasil, grandes grupos exportadores de álcool combustível começaram a atrelar, há pelo menos dois anos, o preço do produto ao da gasolina, seguindo o mesmo raciocínio do petróleo. "O álcool combustível tem seu preço correlacionado ao da gasolina", observa Plínio Nastari, presidente da consultoria sucroalcooleira Datagro. O risco destes contratos é que os preços do petróleo desabem.

Analistas ouvidos pelo Valor não acreditam que os preços do petróleo voltem aos patamares de US\$ 30 por barril. "É improvável que fique abaixo dos US\$ 50", afirma o presidente da Datagro. Até há pouco tempo, as cotações do álcool - combustível e industrial - estavam atrelados ao açúcar no mercado internacional. "Essa relação se inverteu. A commodity açúcar está relacionada com energia [por conta do álcool]. A expectativa é que a produção mundial de álcool ultrapasse a do açúcar nos próximos quatro anos", diz Nastari. Nesses contratos, a gasolina ou o petróleo são a maior referência. Sobre esses preços, paga-se um prêmio ou há um desconto, de acordo com o cenário para o álcool no mercado. No mercado interno, a formação de preços para o álcool é o índice Cepea/Esalq, lembra Marcelo Andrade, da Ecoflex Trading.

Com 35 usinas associadas para esta nova safra, a 2008/09, ante 31 do ciclo passado, a Copersucar está crescendo cerca de 20%. Na safra 2007/08, a moagem de cana ficou em torno de 65 milhões de toneladas. Para este ano, deve ficar em torno de 80 milhões de

toneladas de cana. "Vamos superar a produção de 100 milhões de toneladas em pouco tempo", afirma Ruete de Oliveira.

Desde que saiu do varejo em 2005, com a venda da marca União para o grupo Nova América, a Copersucar está dando maior ênfase para logística e distribuição em seus negócios. Nos planos do grupo há estudos para parcerias em investimentos na região do Caribe. A região é estratégica para a exportação de álcool para os Estados Unidos, por meio do acordo CBI (Caribbean Basin Initiative). O mercado europeu, também considerado estratégico para o etanol, também está no radar da Copersucar. "O objetivo é reforçar as parcerias internacionais", afirma Luís Pogetti, presidente executivo da Copersucar.

Fundada em 1959 como uma cooperativa privada de usinas, a Copersucar prepara-se para comemorar 50 anos em 2009, com um crescimento médio anual de 20%. Com sede nova desde o ano passado, em plena avenida Paulista, na capital paulista, as usinas associadas à Copersucar investiram nos últimos anos cerca de US\$ 2 bilhões para expandir sua capacidade de produção e em unidades novas, segundo Pogetti. As usinas associadas à Copersucar deverá atingir 4,26 milhões de toneladas de açúcar e 4,26 bilhões de litros de álcool na safra 2008/09. A expectativa é de que o número de associadas volte a crescer nos próximos anos, à medida que os projetos novos entrem em operação no país.

Alcooduto da Petrobras – Valor Econômico – agronegócios – Curtas – 20/02/2008

A Petrobras informou ontem que aprovou a criação de uma empresa tripartite com a japonesa Mitsui e a brasileira Camargo Corrêa para a realização das fases do projeto conceitual e básico do alcooduto. O projeto prevê que o alcooduto interligue as cidades de Senador Canedo (GO) a Paulínia (SP). Um segundo trecho deverá interligar a hidrovía Tietê-Paraná ao terminal de Paulínia.

Obstáculo para o etanol – Valor Econômico – agronegócios – Curtas – 20/02/2008

O etanol terá de superar obstáculos referentes à produção e à distribuição antes de se tornar um combustível alternativo significativo para os americanos, segundo informações da Cambridge Energy Research Associates (Cera), à Bloomberg. Os custos de transporte do etanol para os centros de consumo dos EUA são apontados como fator de retração para o avanço deste produto nos EUA.

Álcool mantém alta – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 25/02/2008

Os preços do álcool continuam firmes pela segunda semana consecutiva. Na sexta-feira, o litro do anidro fechou a R\$ 0,82184 (sem impostos), aumento de 4,11% sobre a semana anterior. O hidratado encerrou a R\$ 0,73388 o litro (sem impostos), alta de 3,69%, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Safra de cana será recorde em 2008/09 – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico –
Agronegócios - 25/02/2008

A produção de cana-de-açúcar baterá novamente recorde neste ano no Brasil. Levantamento da Datagro mostra que a colheita da safra 2008/09 deverá ser de 532,5 milhões de toneladas, um crescimento de 9,7% sobre o ciclo anterior (485,5 milhões de toneladas). A expansão reflete os investimentos em novos projetos de usinas no país.

Conforme Plínio Nastari, presidente da consultoria, a nova safra será fortemente alcooleira. O mix de produção fica em 55,9% para o álcool, ante 54% do ciclo 2006/07. No centro-sul, que responde por 85% da produção nacional, 57,4% da cana será destinada para o etanol e 43,2% para o açúcar.

A colheita de cana no centro-sul começará em março próximo, mas deverá se intensificar a partir do final de abril, segundo analistas de mercado. A expectativa é de que 29 novas unidades iniciem as operações nesta safra, de acordo com a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica).

A oferta de álcool na região ficará em 22,69 bilhões de litros, com aumento de 13,3% sobre 2006/07 (20,03 bilhões). No Nordeste, a produção crescerá quase 2%, para 2,07 bilhões de litros. Mesmo mais alcooleira, a produção de açúcar crescerá no país, puxada pelo centro-sul, com oferta 5,1% maior, para 27,55 milhões de toneladas. A região Nordeste manterá a produção em 4,45 milhões de toneladas.

As exportações também devem continuar firmes, informa a Datagro. Os embarques de açúcar devem somar 20,77 milhões de toneladas, um incremento de 8,9% sobre a safra anterior (19,07 milhões de toneladas). O centro-sul impulsionará as vendas, com 18,4 milhões de toneladas negociadas ao exterior. O Nordeste manterá os volumes em 2,37 milhões de toneladas. Os embarques de álcool deverão somar 4 bilhões de litros, um aumento de 15,6%.

Apesar da safra recorde, o rendimento da cana será menor, por conta dos baixos tratos culturais. Os baixos preços do açúcar e do álcool durante todo o ano de 2007 desestimulou investimentos das usinas na renovação dos canaviais. (MS)

Copersucar perde São Martinho – Monica Scaramuzzo – Valor Econômico –
Agronegócios - 27/02/2008

Depois de quase 50 anos de união, o grupo São Martinho, um dos maiores produtores de açúcar e álcool do país, anunciou que vai se desligar da Copersucar. A decisão reflete mudanças na estratégia de atuação da companhia, afirmou João Carvalho do Val, diretor de relações com os investidores da São Martinho.

Desde que abriu seu capital, a São Martinho tem focado na busca por novas parcerias e o fato de ser associada à Copersucar limitava o campo de atuação do grupo, uma vez que a gigante possui uma política única para comercialização e preços para suas usinas associadas. Agora independente, a São Martinho poderá ganhar mais flexibilidade para alterar seu mix de vendas e oferecer produtos diferenciados e buscar novos mercados, segundo Val. O desligamento ocorrerá até o final da safra 2007/08, que termina em abril.

"Agora temos maior autonomia para firmarmos novas parcerias e também diferenciarmos nosso mix de produção", diz Val. O executivo nega que a São Martinho esteja negociando a venda do seu controle acionário. No mercado, especula-se que a

japonesa Mitsubishi, que é parceira comercial do grupo, poderia assumir o controle da empresa. As duas companhias possuem um acordo comercial, no qual a múlti comprará 30% de toda a produção anual de álcool industrial da usina Boa Vista em construção no estado de Goiás. A nova usina deverá entrar em operação a partir de maio deste ano.

Procurada, a Copersucar não comentou o assunto. Com faturamento em torno de US\$ 2,5 bilhões, a gigante encerra a safra 2007/08 com 31 usinas associadas. Em recente entrevista ao Valor, o presidente do conselho da empresa, Hermelindo Ruete de Oliveira, disse que a Copersucar deverá aumentar o número de usinas, impulsionadas pelos novos projetos sucroalcooleiros no país.(MS)

Novo recorde de fusões e aquisições entre usinas - Mônica Scaramuzzo – Valor econômico – Agronegócios - 28/02/2008

As operações de fusões, aquisições e compras de participação bateram recorde no segmento sucroalcooleiro no ano passado e prometem continuar aquecidas neste ano. A forte queda dos preços do açúcar durante todo o ano de 2007 ajudou a tornar os ativos (usinas) mais baratos para os compradores e foi um grande estímulo aos negócios, sobretudo para os grupos e fundos estrangeiros, que responderam por 70% das transações realizadas no ano passado.

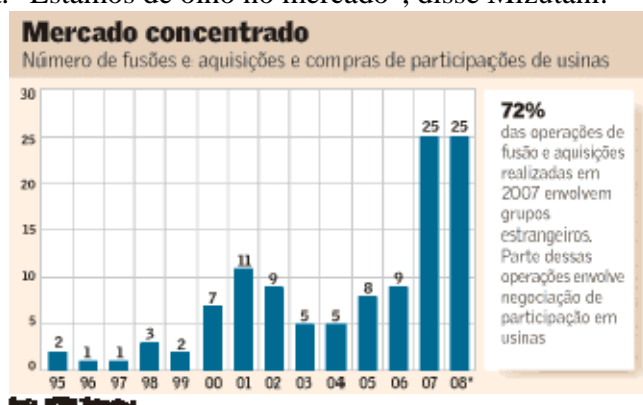
Levantamento da consultoria KPMG mostra que o número de transações envolvendo usinas cresceu 178% no ano passado no país: foram 25 operações, ante nove no ano anterior. O número inclui compras de participações em unidades ou empresas, sobretudo por fundos de private equity, disse André Castello Branco, sócio de corporate finance da consultoria.

Foi a partir de 2003 que o movimento de fusões e aquisições neste segmento começou a ficar mais aquecido. "O mercado internacional para álcool ficou mais concreto e os grupos internacionais voltaram-se para o Brasil", afirmou Castello Branco. Naquele ano, foram realizadas cinco operações e outras cinco foram computadas no ano seguinte (ver quadro ao lado).

Por conta do maior potencial para o mercado de álcool, houve uma mudança também no perfil dos investidores. Grupos e fundos internacionais começaram a mirar o Brasil como rota de investimentos. Em 2006, pela primeira vez, o número de aquisições realizadas por estrangeiros superou o número de transações capitaneadas por grupos nacionais. Em 2007, foram 18 operações com estrangeiros e sete envolvendo grupos do país. Companhias como a multinacional americana Bunge, a espanhola Abengoa, os asiáticos Noble Group, as francesas Louis Dreyfus Commodities e Tereos adquiriram usinas no país. A japonesa Sojitz comprou participação na ETH Bioenergia, controlada pela Odebrecht.

"Os fundos inflacionaram muito os preços das usinas nos últimos meses", afirmou Pedro Mizutani, vice-presidente geral do grupo Cosan, a maior companhia sucroalcooleira do país, e uma das responsáveis pelo movimento de concentração do setor nos últimos anos. No ano passado, contudo, a Cosan não foi às compras, mas foi alvo de investidas de grandes fundos internacionais que decidiram aumentar sua participação na companhia, cujos papéis são negociados na Bovespa e bolsa de Nova York. "Em 2007 priorizamos os projetos 'greenfield' (construção)." Em fevereiro deste ano, contrariando a estratégia

adotada em 2007, a Cosan anunciou a compra da usina Benálcool, que pertencia ao grupo J. Pessoa. "Estamos de olho no mercado", disse Mizutani.



Só para se ter uma idéia, boa parte das negociações envolvendo usinas girava entre US\$ 90 e US\$ 120 por tonelada de cana moída, dependendo do porte e saúde financeira da usina. Atualmente, há negócios fechados abaixo de US\$ 90 por tonelada de cana, segundo analistas ouvidos pelo Valor.

Apesar da queda dos preços do açúcar no mercado internacional, e conseqüente baixa dos ativos, Castello Branco acredita que o valor negociado das usinas continua atraente. "Tanto é que os fundos de investimentos estão entre os principais players nas operações computadas no ano passado", disse.

Dados da KPMG mostram que os fundos foram responsáveis por 36% das transações de 2007. Entre eles o Clean Energy Brazil (CEB), fundo criado no final de 2006, com papéis negociados na bolsa de Londres, com o objetivo de investir em participações de usinas brasileiras. Em dezembro passado, o CEB adquiriu 33% da holding Unialco MS, que controla a usina Alcoolvale, em Aparecida do Taboado (MS), e um projeto "greenfield" na cidade de Dourados, no mesmo Estado. Nesta operação, a CEB desembolsou US\$ 64 milhões. A holding Unialco MS é controlada pela Unialco SA, presidida pelo empresário Luiz Guilherme Zancaner. À época, Zancaner disse que concordou em fazer a operação porque não abriria mão do controle acionário do grupo e poderia utilizar os recursos obtidos em futuros investimentos no setor.

Conforme Castello Branco, as operações de fusões e aquisições no setor vão continuar firmes. "Este setor ainda é pulverizado".

Colheita mecanizada vai provocar desemprego - Rafael Pereira Rosas – Valor Econômico – Agronegócios - 28/02/2008

A mecanização das lavouras de cana no Estado de São Paulo pode causar o desemprego de até 15 mil pessoas por ano até 2014, período limite para que 100% da colheita paulista seja mecanizada. A estimativa é de Maurílio Biagi Filho, membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), e presidente da Maubisa.

"A medida nos deixa tristes, porque vai causar disponibilidade de mão-de-obra, mas estamos trabalhando para capacitar estas pessoas e empregá-las na utilização das máquinas"

, disse Biagi, lembrando que a mecanização foi exigida por lei no Estado. Atualmente, 40% da safra de cana paulista é colhida mecanicamente. Biagi frisou que a mudança, apesar do desemprego, acabará com as criticadas condições de trabalho dos bóias-frias, além de eliminar o processo de queima da palha de cana.

Em todo o Estado de São Paulo, a estimativa é que 200 mil cortadores de cana percam o emprego por conta da mecanização das lavouras, segundo Marcos Jank, presidente da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica). Em contrapartida, Jank disse que 70 mil novos empregos de maior qualificação serão gerados. "Acreditamos que podemos qualificar parte dos atuais cortadores que vão perder emprego. O setor está se preparando para assinar um protocolo trabalhista que garanta condições positivas para os trabalhadores", frisou Jank.

Segundo Biagi, os baixos patamares dos preços do álcool durante a entressafra não preocupam os produtores. As exportações de parte da produção nacional, que ficaram abaixo do esperado no ano passado, vão acontecer naturalmente à medida que os mercados internacionais amadurecem.

"Os Estados Unidos prevêm utilizar o milho para produzir até 60 bilhões de litros de etanol por ano. Depois disso, vão procurar outras fontes, a partir da celulose ou da cana", explicou Biagi, acrescentando que este ano os EUA devem produzir 30 bilhões de litros de etanol a partir do milho, atingindo 60 bilhões de litros entre os anos de 2012 e 2014.

Fundos estimulam alta do açúcar nas bolsas – Valor Econômico – Agronegócios - 28/02/2008

No início, analistas de mercado acreditavam se tratar de um "vôo de galinha". Mas à medida que o tempo passa, os fundos continuam firmes em suas posições em açúcar, tornado novamente a commodity atrativa.

Relatório da banco holandês Rabobank mostra os preços do açúcar seguem firmes, sustentados somente pelos fundos de investimentos. Se não fosse o efeito dos fundos no mercado, as cotações provavelmente estariam em patamares mais baixos, considerando que o cenário de oferta e demanda do açúcar é superavitário. Brasil e Índia, os maiores produtores mundiais da commodity, elevaram a oferta do produto no mercado.

No ano passado, segundo o relatório, a receita das usinas brasileiras recuaram fortemente, atingindo patamares não vistos desde a safra 1999/00, quando o setor passava por uma forte crise de preços. Desde o final do ano passado, contudo, os fundos de investimentos começaram a fazer hedge nos mercados de commodities, impulsionando os preços de várias matérias-primas, entre eles o açúcar.

Neste ano, as cotações futuras do açúcar acumulam valorização de 31,5% e alta de 35,4% nos últimos 12 meses, segundo o Valor Data. Em 24 meses, a commodity registra desvalorização de 12,6%.

"Os fundos varreram os fundamentos do açúcar para debaixo do tapete", afirmou Arnaldo Corrêa, da Archer Consulting. Até o ano passado, Corrêa trabalhava com a expectativa de que os preços do açúcar ficariam entre 11,5 e 12,5 centavos de dólar por libra-peso. "Obviamente, muitos erraram. Só não sabemos ainda o limite de alta para os preços do açúcar agora."

Ontem, os contratos do açúcar para maio encerraram a 14,63 centavos de dólar por libra-peso, alta de 9 pontos, em Nova York.

O movimento de alta do açúcar está dificultando as operações de fixação de preços entre usinas e tradings. As tradings estão desestimuladas a fazerem as operações de hedge por conta dos altos custos das operações por conta das chamadas de margem. Ou seja, o custo entre a diferença dos preços fixados e o que vale no dia da entrega do produto. "Mas ao não fazer as fixações, os fundos voltam-se mais para o mercado", afirmou Corrêa. Segundo ele, a alta dos preços da commodity poderá estimular a maior produção de açúcar no Brasil e em outros países. "As usinas brasileiras devem produzir mais açúcar do que o planejado." (MS)

POLÍTICA DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

Rio Grande do Norte lança Programa de Agroenergia – Sítio Eletrônico do MDA – 18/02/2008

O secretário de Agricultura Familiar do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SAF/MDA), Adoniram Sanches Peraci, participa na próxima terça-feira (19) do lançamento do Programa de Agroenergia para o Rio Grande do Norte. O evento será realizado em Natal, no auditório da Empresa Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RN), às 10h.

O Programa de Agroenergia prevê a implantação de 13 mil hectares de girassol e 15 mil hectares de algodão destinados à produção de biodiesel. O investimento para sua implementação é de R\$ 10 milhões, envolvendo cerca de 12,5 mil agricultores familiares.

O objetivo da ação é fomentar a implantação das culturas oleaginosas pela agricultura familiar, visando a produção do biodiesel e, também, a sustentabilidade financeira dos produtores, assegurando preços mínimos competitivos para a produção. De início, já estão garantidos os preços de R\$ 1,30 para o quilo do algodão e, para o girassol, o valor de R\$ 0,81 o quilo.

O Programa é uma parceria do governo do estado com a Petrobras, Banco do Nordeste e Banco do Brasil, Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN), as empresas Nortex, Ponte de Ferro e Santana Algodoeira, além de uma rede de colaboradores da qual o MDA e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) faz parte.

Biocamp é a nova empresa com Selo Combustível Social – Sítio Eletrônico do MDA –
26/02/2008

A empresa BioCamp Indústria, Comércio, Importação e Exportação de Biodiesel Ltda é o mais novo empreendimento a receber a concessão de Selo Combustível Social. São agora 28 empresas com a identificação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) como produtoras de biodiesel que promovem a inclusão social e o desenvolvimento regional.

Essa inclusão e desenvolvimento são feitos por meio da geração de emprego e de renda aos agricultores familiares enquadrados nos critérios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). A capacidade instalada da nova empresa, com sede no estado do Mato Grosso, é de aproximadamente 46 milhões de litros, com o cultivo da soja como matéria-prima. A produção envolve 60 famílias de agricultores familiares.

Juntos, esses 28 empreendimentos possuem uma capacidade instalada total de 2,1 bilhões de litros, beneficiando mais de 100 mil agricultores familiares. Das empresas que participaram dos últimos leilões para entrega de biodiesel em 2008, hoje, todas possuem o Selo Combustível Social.

O Selo - Por meio do Selo Combustível Social, o produtor de biodiesel tem acesso a alíquotas de PIS/Pasep e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) com coeficientes de redução diferenciados, acesso às melhores condições de financiamentos junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e suas Instituições Financeiras Credenciadas ao Banco da Amazônia (BASA), Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Banco do Brasil (BB) ou outras instituições financeiras que possuam condições especiais de financiamento para projetos com Selo.

“Essas regras permitem a construção de parcerias econômicas e compromissos de responsabilidade social entre setor privado (indústrias), agricultores familiares e suas organizações. Mostra que as grandes empresas estão acreditando, apostando e reconhecendo a importante contribuição da agricultura familiar em um setor tão estratégico para o País, como o setor energético”, diz Campos.

O Selo Combustível Social somente é concedido aos produtores de biodiesel que comprem matéria-prima da agricultura familiar em percentual mínimo de: 50% no Nordeste e Semi-Árido; 10% nas regiões Norte e Centro Oeste e, 30% nas regiões Sudeste e Sul. As indústrias também têm que assegurar a assistência e a capacitação técnica aos agricultores familiares.

Etanol

O programa do álcool e os ambientalistas - José Goldemberg – Estado de São Paulo – Espaço Aberto – 18/02/2008

O álcool é um bom substituto da gasolina: não tem impurezas de enxofre e emite menos dióxido de carbono - o principal dos gases responsáveis pelo “efeito estufa” e pelas mudanças climáticas - do que a gasolina. O que se esperaria, portanto, seria um apoio entusiástico dos ambientalistas a estes programas tanto na Europa como nos Estados Unidos. Não é o que está acontecendo e não deixa de ser interessante analisar quais as objeções que são levantadas por eles.

A primeira delas é que a produção das grandes quantidades de álcool, necessárias na Europa e nos Estados Unidos, criará um conflito entre a produção de combustível e a produção de alimentos, o que resultará no aumento dos preços dos alimentos e prejudicará os mais pobres, aumentando a fome no mundo. Entre outros, este argumento foi articulado por A. Ziegler, da Suíça, relator de um documento preparado para a Assembléia-Geral da Organização das Nações Unidas em 2007.

Sucede que os argumentos de Ziegler são incorretos: não existe falta de alimentos no mundo, mas problemas de distribuição, e a fração da população mundial que é desnutrida - cerca de 800 milhões de pessoas - não será atendida enquanto a renda não for melhor distribuída no mundo. Além disso, a área destinada à produção de álcool no mundo hoje é inferior a 1% da área dedicada à agricultura. O preço de cereais e de alimentos, em geral, tem caído ao longo das últimas décadas, apresentando, contudo, flutuações que dependem das condições climáticas e de muitos outros fatores. É por essa razão que atribuir o aumento do preço do milho nos Estados Unidos a uma catástrofe que vai atingir a população mais pobre do mundo é um exagero. Nos Estados Unidos, de 2006 a 2007, a área dedicada ao milho aumentou 5 milhões de hectares sobre a área dedicada à soja. A área total usada na produção de milho e soja nos Estados Unidos é de 60 milhões de hectares e, no mundo todo, cerca de três vezes maior.

A segunda delas, que atribui ao avanço do milho nos Estados Unidos o aumento do desmatamento da Amazônia, como foi feito recentemente por um cientista americano radicado no Panamá, é outro exagero. A idéia é que a redução da área de soja nos Estados Unidos leva ao aumento da sua produção na Amazônia, o que aumentaria a devastação naquela região. Sucede que os números não batem. As plantações de soja não aumentaram nos últimos três anos na Amazônia: o que aumentou foi o rebanho bovino, que já é de 75 milhões de cabeças. Este é o verdadeiro problema. A soja poderia vir depois, mas isso não acontece ainda na escala prevista em base ao argumento acima.

Finalmente, um grupo suíço fez uma análise para verificar se o uso de álcool (de milho e cana-de-açúcar) reduz, de fato, as emissões de carbono. A novidade introduzida por esse grupo é considerar também as emissões resultantes do desmatamento, onde o produto agrícola foi plantado. E conclui, corretamente, que, se isso for feito à custa da devastação de florestas nativas, o resultado seria péssimo.

Sucedem que a única região do mundo em que isso está ocorrendo é na Indonésia, onde estão sendo derrubadas florestas nativas para expandir a produção de dendê (que dá origem ao biodiesel). A expansão das plantações de milho nos Estados Unidos ou de cana-de-açúcar no Brasil está ocorrendo em áreas que já são dedicadas à agricultura ou à pecuária e, no Brasil, existem cerca de 200 milhões de hectares de pastagens para expansão não predatória da cana-de-açúcar, que poderiam se transformar em pecuária mais intensiva, liberando áreas para a cana-de-açúcar, como ocorreu no Estado de São Paulo de 2002 a 2006.

As objeções à produção de etanol ganham mais substância quando apontam os problemas que a produção tem quando é baseada no milho ou na beterraba: o balanço energético não é bom porque é usado combustível fóssil na sua preparação. Neste particular o etanol de cana-de-açúcar é claramente superior: o bagaço da cana fornece toda a energia necessária à produção do álcool e o seu custo a partir de 2004 é inferior ao da gasolina. Aliás, com o progresso da tecnologia, as usinas de álcool passaram a “exportar” eletricidade. No Estado de São Paulo se acredita que este excedente chegará a mais de 10 milhões de quilowatts no ano 2015, quase a eletricidade gerada em Itaipu.

Por esta razão o etanol da cana-de-açúcar terá um papel essencial em suprir as necessidades não só brasileiras, como as mundiais, dentro de 10 ou 15 anos. A Europa produz hoje apenas 2 bilhões de litros por ano (a partir da beterraba) e necessitará de pelo menos 20 bilhões de litros em 2020 para cumprir com a meta que adotou de substituir 10% da gasolina derivada do petróleo, que não conseguirá produzir na própria Europa. Os Estados Unidos planejam utilizar 136 bilhões de litros em 2022 (50 bilhões de litros de etanol de milho) e o restante de novas tecnologias. É pouco provável que essas metas sejam atingidas. A solução será importar etanol de países da área tropical, principalmente do Brasil, e as barreiras alfandegárias que existem nesses países foram introduzidas justamente para proteger os produtores locais, que, sem elas, não teriam condições de competir.

As resistências ao uso crescente de etanol se originam, portanto, de duas direções: de alguns ambientalistas pouco esclarecidos sobre as verdadeiras proporções do problema e dos produtores locais na Europa e nos Estados Unidos, que usam os argumentos dos ambientalistas para proteger seus interesses comerciais. ***José Goldemberg é professor da Universidade de São Paulo**

'País pode ser competitivo em áreas sensíveis, como biocombustível' - Denise Chrispim Marin – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 18/02/2008

A pesquisa encomendada à Universidade de São Paulo (USP) concluiu que os sete países estudados também enfrentam desafios em termos de inovação e que, mesmo com todos os seus dilemas, o Brasil conseguiu resultados expressivos em setores que vão além dos jatos regionais e dos produtos agrícolas. Segundo Glauco Arbix, coordenador do estudo, o Brasil tem a chance de ser competitivo em áreas sensíveis, como os biocombustíveis. Mas dará um grande salto na medida em que suas empresas se expuserem mais à exportação e ao investimento em outros países.

“O Brasil não tem meninos vendendo balas apenas na avenida Rebouças, em São Paulo. Tem meninos na porta da Embraer, da Natura, da Marcopolo, da Gerdau e de quem pensa em biocombustíveis”, afirma Arbix, referindo-se a companhias que investem em inovação e que se embrenharam em estratégias no exterior. “Olhar para fora leva as empresas brasileiras a ter um comportamento mais agressivo e preocupado com a inovação.”

Reginaldo Arcuri, presidente da ABDI, antecipa que a nova política industrial não deverá eleger setores prioritários. Mas começará pelas cadeias produtivas que já contam com um diálogo organizado com o governo e com experiências inovadoras - como são os casos da automotiva e têxtil. Entre os setores com potencial de sucesso em inovação, Arcuri enumera a indústria de peças e equipamentos aeronáuticos, que se desenvolveu ao redor da Embraer, os fabricantes de peças para a construção naval e os fornecedores de bens para as plataformas e dutos da Petrobrás.

Tanto Arcuri quanto Arbix concordam que uma das vantagens do Brasil está na diversidade cultural presente na estrutura social do país. Diversidade é uma espécie de combustível da inovação porque permite conclusões inusitadas para as questões em estudo. Entre os países pesquisados, Japão, Estados Unidos, Irlanda e Finlândia mostram dificuldades em dar curso à diversidade.

O Japão percebeu que o motor da inovação está travado pelas estruturas hierarquizadas de suas corporações e pela tradição cultural impermeável aos estrangeiros. Nos EUA, os controles de segurança e a burocracia acabaram por limitar o acesso de pesquisadores de outros países a suas universidades.

Precursor na adoção de políticas de inovação, a Finlândia enfrenta o mesmo dilema por conta do clima do país. Mas contorna parte do problema com o contingente de pesquisadores finlandeses espalhados por centros de pesquisa de tecnologia da informação mundo afora - só na Nokia são cerca de 25 mil. Esses centros servem como 'antenas' para soluções inovadoras.

País inicia ofensiva para exportar etanol - Lu Aiko Otta – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 24/02/2008

Governo e usineiros fazem ações conjuntas para construir uma imagem positiva do álcool no exterior

O Brasil inicia este ano uma ofensiva para transformar em vendas o potencial do álcool, ou etanol, como produto de exportação. Apontado como alternativa aos derivados de petróleo, o combustível ainda patina na balança comercial. No ano passado, as vendas ao exterior foram de US\$ 1,477 bilhão, 0,92% do total exportado pelo País.

“Nunca tive a ilusão de que o mercado fosse se abrir em dois ou três anos”, disse ao Estado o presidente da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica), Marcos Jank. “Foi criada uma expectativa, mas o fato é que o mercado internacional não existe”, acrescentou o presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), Alessandro Teixeira. Unica e Apex querem criá-lo.

Teixeira e Jank vão a Washington em março, para participar da Conferência Internacional de Energias Renováveis, promovida pelo Departamento de Estado. Haverá uma feira sobre o tema, na qual o Brasil vai exibir as vantagens do etanol de cana. Eles participam também da manhã de discussões sobre o futuro do acordo Brasil-Estados Unidos para biocombustíveis, promovidas pelo Instituto Woodrow Wilson.

Em seguida, a dupla vai para Bruxelas, para o evento World Biofuels Markets. “Vamos mostrar a qualidade do etanol, seu potencial, e por isso escolhemos dois mercados importantes, onde temos possibilidade de entrar”, explicou o presidente da Apex. Para este ano estão programados seis road-shows nos Estados Unidos, Europa e Ásia. Além disso, importadores serão convidados a visitar usinas no Brasil.

A participação em feiras e conferências é um dos principais instrumentos para cumprir o objetivo da ofensiva, de construir uma imagem positiva do álcool brasileiro no exterior. “Não que a imagem do etanol seja ruim”, explicou Jank. “Mas temos de comunicar ao mundo as nossas vantagens.” Mostrar, por exemplo, que o uso do etanol reduz em 80% as emissões de gás carbônico e que, no Brasil, o álcool já é uma alternativa consolidada.

Para Alessandro Teixeira, a promoção é importante porque o álcool brasileiro é confundido com outros tipos - como o de milho. “Principalmente nos países concorrentes, os formadores de opinião colocam todo o conjunto de etanol num balde só”, disse. “Não está claro que o etanol brasileiro é de cana e por isso não concorre com a produção de alimentos.”

“Temos espaço para produzir o etanol sem competir com os alimentos ou com a preservação ambiental, ao contrário de outros países”, afirmou Teixeira. Além disso, acrescentou, o álcool de cana é sete vezes mais produtivo que os concorrentes, de milho ou beterraba.

COMBATE ÀS RESTRIÇÕES - Outro foco da ofensiva é reduzir as resistências à exportação brasileira. “Nos Estados Unidos é aplicada tarifa de 50% sobre”, disse Marcos Jank. A idéia é tentar influenciar o Congresso americano a tomar medidas contra a restrição ao comércio. Uma alternativa é buscar apoio em Estados favoráveis à importação do etanol de cana, como Flórida e Califórnia.

O trabalho será coordenado pelo escritório da Unica em Washington. A entidade terá outros dois escritórios internacionais, em Bruxelas, com início de operações previsto para amanhã, e na Ásia. Ainda se discute se no Japão ou na China.

Além das preocupações com o ambiente e a produção de alimentos, a exportação do etanol é afetada pela pequena quantidade de países produtores. Hoje, Brasil e EUA respondem por 70% da produção mundial. Os demais países relutam em adotar o combustível porque não querem ficar dependentes desses dois fornecedores. Por isso, os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e George W. Bush assinaram no ano passado um acordo para incentivar outros países a produzir o etanol.

A Apex contratou a Fundação Getúlio Vargas para fazer estudos de viabilidade sobre a produção na República Dominicana, Haiti, El Salvador e São Cristóvão e Neves. Os americanos fizeram o mesmo. Os resultados serão apresentados no mês que vem, em Washington, durante o encontro do Comitê de Direcionamento dos Biocombustíveis.

Ventos contra o apagão – Wilma de Faria – Folha de São Paulo – Opinião – 22/02/2008

Urge incluir a energia eólica como uma fonte alternativa comprovadamente viável e eficiente para compor a matriz energética brasileira

DEPOIS DE seis anos, a ameaça do apagão volta a incomodar o país, embora o governo federal assegure que há logística para evitar o problema. O momento não poderia ser mais inoportuno para enfrentarmos uma crise no abastecimento de energia. Juntamente com a iminência de recessão global, as turbulências do mercado financeiro e o crescimento da inflação, o risco da falta de energia pode colocar em xeque o que prometia ser o início de um ciclo de crescimento da economia brasileira. Avançar em infra-estrutura, indicadores sociais e níveis de emprego e incrementar injeção externa de capital são desejos legítimos para um país como o Brasil. Mas, em trajetória paralela, é fundamental consolidar uma sólida matriz energética capaz de sustentar um crescimento econômico a taxas robustas. Projetos na área de energia são dispendiosos. Exigem visão de longo prazo, criatividade e ousadia. Não podem ser movidos pela urgência dos momentos de crise e escassez. Caso contrário, se tornam de efeito restrito e de benefícios limitados a discursos.

Com as dimensões continentais que o país tem, é inevitável que haja estratégias diferentes em cada região ou Estado para a construção de uma matriz energética que garanta estabilidade no fornecimento. No entanto, é inegável que não podemos mais permanecer considerando como alternativa à geração hidroelétrica apenas as usinas termoelétricas, dependentes de combustíveis não-renováveis e, em grande parte, de fornecimento externo. Afinal, temos em nossas mãos o inesgotável recurso da força dos ventos, combustível natural, limpo, sem custo e sem dependências externas de qualquer natureza, sejam políticas ou econômicas. Urge incluir a energia eólica como fonte alternativa eficiente e comprovadamente viável para compor uma matriz energética brasileira no longo prazo. E também como parte da solução neste momento de risco de apagão.

Em comparação com as energias de grande capacidade de geração (hidrelétricas, térmicas, nucleares), a eólica só não é mais barata do que os grandes aproveitamentos

hidrelétricos. Recente documento feito pela Associação Brasileira de Energia Eólica ("Estudo do Impacto da Implantação de Usinas Eólicas na Oferta de Energia do Sistema Interligado Nacional") comprova a competitividade dessa fonte de energia, além de apresentar números e argumentos bastante contundentes sobre os benefícios da energia eólica. As informações do documento nos permitem afirmar que: - a energia eólica custa entre R\$ 200 e R\$ 230 por MWh produzido.

Funciona 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano, usando combustível de custo zero (a força dos ventos). É uma energia complementar à nossa energia de base, a hidroeletricidade, e, portanto, uma necessidade absoluta, principalmente para a região Nordeste; - a fonte eólica é competitiva no Brasil, principalmente no Nordeste. O aproveitamento de apenas 20% do potencial já identificado na região seria capaz de tornar o Nordeste independente em termos energéticos, além de transformá-lo em exportador de energia para as regiões vizinhas; - chuva e ventos têm sazonalidade complementar: quando não há chuva, há ventos, e vice-versa. Isso ajuda a estabilizar a oferta de energia, garantindo suprimento contínuo e confiável, cujos benefícios ultrapassam a região, estendendo-se a todo o país; - em caso de racionamento de energia, sua severidade (graças à fonte eólica) pode ser reduzida à metade.

No curto prazo, o preço da energia (usado como sinalizador para novos contratos) caiu entre 20% e 30%, dependendo da região. Também há significativa redução na volatilidade dos custos, principalmente no Nordeste.

Defendemos a utilização da energia eólica como estratégia comum a todos os Estados, sobretudo os de nossa região. O Nordeste como um todo deve buscar o entendimento com o governo federal para que a geração eólica seja reconhecida como forma real e viável de suprimento de energia elétrica em nosso país.

No Rio Grande do Norte, investimos fortemente no desenvolvimento do potencial da geração eólica, que praticamente se iguala ao da geração hidroelétrica. Essa estratégia habilita o Estado a seguir crescendo no ritmo que desejamos. Acreditamos que o desenvolvimento, principalmente dos Estados da nossa região, passa pelo aproveitamento dessa oferta de energia competitiva, inesgotável, limpa, renovável e condizente com o futuro sustentável da humanidade.

WILMA DE FARIA, 61, é governadora do Rio Grande do Norte (PSB). Foi deputada federal constituinte, prefeita de Natal três vezes e está no segundo mandato como governadora do Estado.

Exportações do combustível caíram 14% em 2007, para 3,2 bilhões de litros - Um dos projetos importantes ao escoamento da produção, um duto ligando Goiânia ao porto de Paranaguá, não tem mais data para conclusão

A frustração de expectativas com o mercado de álcool teve reflexos em projetos que constam do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Um dos projetos importantes para o escoamento da produção para o mercado externo, um duto ligando Goiânia (GO) ao porto de Paranaguá (PR), não tem mais data para conclusão e agora é considerado "preocupante" (selo vermelho).

Até setembro do ano passado, a obra tinha um selo verde, que caracteriza os projetos que estão andando em ritmo adequado. Na ocasião, a expectativa do governo era que o duto, de 1.412 km, começasse a operar em setembro de 2011. A Petrobras, responsável pela obra, não incluiu o empreendimento em seu plano de negócios. De acordo com o governo, ainda não foi confirmada a viabilidade econômica do negócio.

Outro duto de escoamento de álcool, o que ligará a cidade de Senador Canedo (GO) ao porto de São Sebastião (SP), está atrasado. Em setembro do ano passado, a expectativa era que a obra ficasse pronta em dezembro de 2010. Agora, não há mais uma data precisa. O governo registra apenas que a obra deverá ficar pronta "após 2010". Ainda assim, o projeto foi classificado, no balanço divulgado em janeiro, com o selo verde (andamento adequado). O duto, se concluído, terá 1.171 km de extensão. A obra, a cargo da Petrobras, está orçada em R\$ 2,42 bilhões.

A Petrobras informou que não desistiu do duto ligando Goiânia a Paranaguá. Segundo a empresa, o projeto está em fase de avaliação e só entrará no plano de negócios se tiver sua viabilidade econômica confirmada. A empresa informou ainda que seus projetos envolvendo álcool seguem normalmente dentro do cronograma previsto para cada um.

As exportações de álcool caíram 14% -de 3,6 bilhões de litros em 2006 para 3,2 bilhões de litros em 2007. Estudo do BNDES admite possibilidade de excedente de produção de 10% até 2010, a depender da evolução do preço da gasolina. A partir de 2010, segundo o banco, deverá haver um longo ciclo de crescimento sustentado, principalmente, pelo mercado interno.

No balanço do ano de 2007, a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) registrou que o setor sucroalcooleiro teve queda no valor do preço de exportação tanto do açúcar quanto do álcool. O motivo foi o aumento da oferta do produto no mercado. Em 2006, segundo a CNA, o valor da tonelada de açúcar foi negociado a US\$ 327 e o do álcool, a US\$ 587. No ano passado, os preços caíram para US\$ 263 e US\$ 523, respectivamente.

Barreira furada – O Globo – Economia – 20/02/2008

Petróleo sobe 4,7% e supera pela 1ª vez na História marca de US\$ 100, puxado por Opep, Chávez e incêndio no Texas

Acotação do petróleo fechou ontem, pela primeira vez na História, acima dos US\$ 100 devido a uma série de fatores, sendo o principal a expectativa de a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) não aumentar — podendo até cortar — sua produção. Em Nova York, o barril do tipo leve americano avançou 4,7%, para US\$ 100,01, recorde de fechamento. Durante o pregão, a cotação atingiu outro recorde: US\$ 100,10 — superando os US\$ 100,09 de 3 de janeiro, quando fechou a US\$ 99,18.

Em Londres, o barril do tipo Brent subiu 3,9%, para US\$ 98,56, também recorde.

Os preços estão agora no nível alcançado no início dos anos 1980, após a revolução islâmica no Irã, com a correção pela inflação. Dependendo do índice usado, os US\$ 38 atingidos pelo barril equivaleriam hoje a um valor entre US\$ 96 e US\$ 103.

— Minha aposta a curto prazo é entre US\$ 105 e US\$ 110 — disse à Bloomberg News Rob Kurzatkowski, analista da OptionsXpress Holdings. — A Opep vai recuar se os preços subirem mais.

A marca histórica do barril fez a Bolsa de Nova York encerrar em baixa. O Dow Jones e o S&P caíram 0,09% e o Nasdaq, 0,67%.

Na segunda-feira, o presidente da Opep, Chakib Khelil, afirmou que, na reunião de 5 de março, o cartel deve decidir manter ou até mesmo reduzir sua produção. O ministro venezuelano do Petróleo, Rafael Ramirez, fez a mesma afirmação ontem. Outros representantes da Opep, porém, disseram que será difícil justificar um corte no fornecimento no atual patamar de preços, mesmo com a expectativa de recuo após o fim do inverno no Hemisfério Norte, em março.

Segundo analistas, contribuíram para o recorde um incêndio numa refinaria do Texas, que produz 67 mil barris/dia, o rumor da morte do líder dos rebeldes nigerianos — desmentida pelo governo — e a briga do presidente venezuelano, Hugo Chávez, com a Exxon Mobil em torno da nacionalização de um projeto no Orinoco, ano passado. A empresa americana conseguiu, na Justiça, congelar US\$ 12 bilhões em ativos da estatal venezuelana PDVSA no exterior. Em represália, a Venezuela parou de vender petróleo à Exxon e ameaçou suspender as exportações para os EUA. Ontem, o país propôs abandonar ações judiciais em troca de uma arbitragem do Banco Mundial.

Petrobras diz que não reajustará gasolina - Apesar de o barril de petróleo ter superado a barreira dos US\$ 100, a Petrobras informou ontem que não vai reajustar seus preços de gasolina, diesel e derivados. A estatal alega que não segue a volatilidade dos preços internacionais do petróleo a curto prazo. Para que os preços internos dos combustíveis sejam reajustados, seria necessário que a cotação internacional se mantivesse estável nesse patamar elevado por um período maior de tempo, diz a empresa.

O último reajuste da gasolina e do diesel ocorreu em setembro de 2005. O governo Luiz Inácio Lula da Silva nunca reajustou o preço do GLP, o gás de cozinha. A valorização do real frente ao dólar serviu, nesse tempo, como um colchão de proteção contra eventuais perdas.

Para o diretor do Centro Brasileiro de Infra Estrutura (CBIE), Adriano Pires, a alegação da Petrobras só é parcialmente verdadeira. Essa justificativa, afirma, só se aplicaria à gasolina e ao diesel, não a outros derivados, como nafta, querosene de avião e

óleo combustível, que são reajustados mensalmente, com base no preço internacional do petróleo e na taxa de câmbio.

— A Petrobras deveria adotar uma maior transparência na sua política de reajuste de preços — cutuca Pires, convencido de que a estatal faz um uso político dos preços do combustível.

Ainda que o governo não reajuste os preços dos combustíveis há bastante tempo, a defasagem acumulada até agora não chega a preocupar, pois está sendo neutralizada pela valorização do real frente ao dólar. No caso do gás de botijão, o GLP, Pires calcula uma defasagem média de 30% a 40%, e, no caso da gasolina e do diesel, de até 15%. Hoje, explica ele, o gás de cozinha é vendido no Brasil cerca de 40% mais barato que no mercado internacional, e a gasolina e o diesel, está entre 5% e 8% mais baixo, na mesma comparação.

Como a Petrobras não vai reajustar seus preços, economistas como Elson Teles, da Concórdia Corretora, acham que é cedo para fazer projeções sobre o impacto da cotação do petróleo na inflação. Teles acha improvável que o barril do petróleo continue na faixa dos US\$ 100 num cenário de recessão americana e desaceleração da economia global. Ainda que outros derivados, como nafta, óleo combustível e querosene de avião, venham a ser reajustados pela Petrobras, Teles diz que seria precipitado fazer projeção.

Enquanto o petróleo avança, o consumo de álcool cresce no país. A Agência Nacional do Petróleo (ANP) informou ontem que o consumo de álcool hidratado subiu 49,39% no Brasil ano passado em relação a 2006, enquanto o mercado de combustíveis teve expansão de 7,57%.

— Em 2007, o mercado de combustível cresceu mais que o PIB — comentou o superintendente da ANP, Edson Silva, atribuindo isso a uma maior fiscalização, ao avanço dos carros flex e ao aumento da renda da população.

A produção média diária de petróleo da Petrobras caiu 1,5% em janeiro em relação a dezembro, para 1,826 milhão de barris.

Frente a janeiro de 2007, subiu 2,3%. COLABOROU Liana Melo **NO O GLOBO ONLINE**: Veja especial sobre petróleo no mundo <http://oglobo.globo.com/economia/>

Cana-de-açúcar disputa espaço na Amazônia – Sítio Eletrônico do MST – 18/02/2008

De O Estado de S. Paulo

Cana na Amazônia? Sim, e em grande quantidade. A região já produz 20 milhões de toneladas de cana por ano, adverte o Centro de Pesquisa e Monitoramento da Embrapa. A indústria sucroalcooleira, que assumiu a tarefa mundial de curar o planeta do “vício do petróleo” e avança no rumo norte, ameaçando estimular o desmatamento até mesmo no Amazonas, será freada. Por causa disso, dois ministros, Reinhold Stephanes, da Agricultura, e Marina Silva, do Meio Ambiente, já bateram boca. Em outubro, ela venceu o embate.

O zoneamento ambiental da cana-de-açúcar vai proibir o cultivo da planta na Região Amazônica e no Pantanal. O trabalho de zoneamento deve ficar pronto em junho do ano que vem. O veto foi uma decisão pragmática do governo. Ao mesmo tempo em que o aumento da produção de etanol é um dos projetos mais caros ao presidente Luiz Inácio Lula

da Silva, a ameaça de que o desmatamento volte a crescer assusta quem tenta vender a idéia do Brasil como um país ecologicamente correto.

Há algum tempo, aliás, Lula já tentava desestimular o plantio de cana na região. Chegou a dizer: “Os portugueses eram tão inteligentes que trouxeram a cana para cá há 470 anos e não foram para a Amazônia, porque sabiam que o solo e o tipo de umidade dali não permitem que se produza cana-de-açúcar como se produz em São Paulo ou no Centro-Oeste.” Mas o desestímulo presidencial não desencorajou os plantadores. A cana ainda é forte no norte de Mato Grosso, sul do Pará e Maranhão, além de ter presença relevante no Acre e em Rondônia. Para aumentar a polêmica, a Usina Jayoro tem alcançado alta produtividade, a apenas 100 quilômetros de Manaus. Suas terras ocupam 59 mil hectares, entre duas áreas de proteção: a Estação Ecológica de Anavilhanas e a Terra Indígena Uaimiri-Atroari. O cultivo de 33 variedades de cana, das mais de 100 pesquisadas, se estende por 4,5 mil hectares. O álcool atende à demanda regional. O açúcar é todo comprado pela Coca-Cola.

No Acre, a Álcool Verde pretendia produzir 45 milhões de litros do combustível a partir de maio do ano que vem. O empreendimento, que custou R\$ 60 milhões, surgiu após a falência de um projeto governamental que originou, nos anos 80, a Alcobrás. Parte de seus 11,5 mil hectares está ocupada por assentamentos, mas os agricultores viraram parceiros e produzem a cana processada pela usina.

Biocombustíveis não alimentarão os famintos – Sítio Eletrônico do MST – 26/02/2008

A alta dos preços dos alimentos significa que a desnutrição e a fome ameaçarão novamente muitos daqueles que estão nos degraus inferiores da economia mundial. Apesar da improbabilidade das recentes altas nos preços serem permanentes, os países produtores devem parar de desperdiçar comida subsidiando biocombustíveis e começar a dar ao Programa Mundial de Alimentos os recursos que necessita para distribuir calorias para aqueles que não têm como obtê-las por conta própria.

Os preços internacionais de mercado para trigo, milho, soja e dezenas de outros commodities dobraram ou triplicaram nos últimos anos. O resultado é pobreza - para milhões, um dobrar do preço dos alimentos significa privação - e aumento da desnutrição. As autoridades do Programa Mundial de Alimentos disseram ao "Financial Times" que a agência poderá ser obrigada a reduzir as rações de alimentos, ou até mesmo o número de pessoas que atende, a menos que os doadores forneçam mais dinheiro para arcar com os preços mais altos.

Alguns fatores que estão afetando os preços para os pobres do mundo são claramente temporários. Safras ruins nos Estados Unidos e na União Européia nos últimos anos, mais a seca na Austrália, reduziram os estoques de grãos. Também uma redução em particular dos óleos e grãos comercializados internacionalmente, à medida que produtores como a Rússia introduziram cotas de exportação visando controlar os preços domésticos. Finalmente, a alta das tarifas de transporte tornou os alimentos ainda mais caros para os países mais pobres, importadores, que precisam comprar mais.

Outros fatores sugerem uma mudança mais permanente. A produção de alimentos consome energia - para o maquinário, para o transporte e acima de tudo para a fabricação de fertilizante - e se os preços do petróleo permanecerem altos, isto terá um efeito duradouro sobre o alimento. Reduções aos subsídios para produção de alimento, principalmente na União Européia, também terão um efeito permanente sobre a oferta. Mas a maior mudança estrutural vem dos biocombustíveis. No espaço de poucos anos, os Estados Unidos desviaram cerca de 40 milhões de toneladas de milho para produção de bioetanol - cerca de 4% da produção global de grãos forrageiros. O rápido crescimento se deve em grande parte aos subsídios - que devem acabar. Os benefícios ambientais do biocombustível de milho são, na melhor hipótese, ambíguos e não devem ser colocados à frente da produção de milho como alimento.

Mas estas pressões fundamentais não devem ser causa de desespero. Há 20 anos havia alertas de que o crescimento econômico da China e da Índia, e, conseqüentemente, o aumento do consumo de calorias, levaria a uma escassez devastadora de alimentos. Até o momento, a China conseguiu atender a mudança da dieta de sua população para carne. Há sérios desafios para o aumento da produção de alimentos: limitação de terras disponíveis, degradação do solo e acesso à água entre eles. Mas não apenas novas tecnologias como modificação genética estão aumentando a produção, mas também o esforço para aumentar a produtividade em áreas como a ex-União Soviética, para alcançar o nível dos produtores mais produtivos.

Ao longo dos próximos anos, portanto, os preços deverão estabilizar à medida que aumentar a oferta e os estoques forem refeitos. Enquanto isso, os governos que estão subsidiando os biocombustíveis precisam ajudar a financiar o Programa Mundial de Alimentos. O mundo possui alimento suficiente para alimentar a todos - se houver vontade de fazê-lo.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Biodiesel

Nunca Vistos – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém de Commodities – 20/02/2008

"Há 38 anos no mercado, nunca vi preços tão elevados." A afirmação é do funcionário de uma cooperativa e se referia aos valores das negociações da soja e seus derivados, ontem. De alta em alta, o primeiro contrato da oleaginosa atingiu US\$ 14,10, fechando em US\$ 13,99 em Chicago.

Muitos Motivos – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém de Commodities – 20/02/2008

A forte aceleração da soja em grãos tem muitos motivos. Um deles passa pela China, que está com problemas na safra de canola, o que significa importações maiores de óleo de soja. Os preços deste foram impulsionados, ainda, pelo petróleo, que rompeu a barreira de US\$ 100 por barril, ontem.

Cooperação Brasileira – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém de Commodities – 20/02/2008

O Brasil também deu sua cooperação. A chuva impede a colheita, forçando a alta da soja em grãos. A alta internacional do milho também empurra a soja. Um desses dois produtos - o que estiver com melhor relação de preço- ganha a preferência dos norte-americanos, que iniciam o plantio em breve.

Fundos na Disputa – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – Vaivém de Commodities – 20/02/2008

A aceleração dos preços das commodities agrícolas passa, ainda, pela presença maior dos fundos de investimento no setor. Parte desses fundos trocou as ações por commodities, em vista das boas perspectivas trazidas pela aceleração da demanda e por biocombustíveis.

Menos oleaginosas – Valor Econômico – Agronegócios – Curtas – 28/02/2008

Os estoques mundiais das sete principais sementes oleaginosas negociadas, entre os quais os da soja, alcançaram a maior baixa dos últimos quatro anos devido ao aumento da demanda por alimentos e combustíveis alternativos. As reservas podem totalizar 61,2 milhões de toneladas em 2007/08, volume inferior a dois meses de consumo, disse e Thomas Mielke, diretor da OilWorld, à Bloomberg.

Etanol

Genoma do milho é seqüenciado nos EUA – Estado de São Paulo – Vida & - 27/02/2008

Descoberta pode ampliar resistência a doenças e rendimento da semente

Reuters, Washington

Pesquisadores norte-americanos seqüenciaram o mapa genético do milho e afirmaram que a descoberta, a ser divulgada em uma reunião em Washington amanhã, poderá ajudar os cientistas a melhorar vários tipos de grão e cereal. “Os cientistas agora conseguirão investigar com precisão e eficiência o genoma do milho para descobrir meios de melhorar a plantação e, por conseqüência, aumentar o rendimento das sementes e a resistência à seca e às doenças”, disse em nota Richard Wilson, da Universidade Washington, em St. Louis, cuja equipe liderou as pesquisas.

O milho é um dos cereais mais cultivados no mundo, juntamente com arroz e trigo. É usado na alimentação e produção de biocombustível. Os EUA são responsáveis por mais de 40% da produção mundial, com mais de 282 milhões de toneladas em 2005.

Os trabalhos para seqüenciar todo o mapa genético do milho custaram US\$ 29,5 milhões, financiados pela Fundação Nacional de Ciência, dos Departamentos de Agricultura e de Energia dos Estados Unidos. “O milho é um dos grãos mais importantes para o nosso país”, disse o diretor da fundação, Arden Bement, em nota. “Completar essa seqüência do genoma do milho representa um avanço científico significativo e vai estimular o crescimento da comunidade agrícola e a economia como um todo.”

As informações do seqüenciamento estão no GenBank, um banco de dados disponível gratuitamente na internet (<http://maizesequence.org/>). “O genoma ajudará a revelar a biologia básica do milho. Essas informações podem ser usadas para buscar genes que tornam o milho mais nutritivo ou mais eficiente para a produção de etanol, por exemplo”, disse Ralph Quatrano, diretor do departamento de biologia da universidade. Outro genoma vegetal já seqüenciado é o do arroz.

'Importar etanol do Brasil reduziria custos nos EUA' – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 29/02/2008

Para Bernanke, economia ganharia com fim de imposto sobre o produto

O presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos), Ben Bernanke, afirmou ontem que impostos menores para importação de etanol beneficiariam a economia americana.

'Apóio o mercado aberto', disse Bernanke, em resposta a perguntas de parlamentares durante seu depoimento semestral ao Comitê de Bancos do Senado.

Perguntado especificamente pelos congressistas a respeito dos impostos que pesam sobre o etanol importado, Bernanke respondeu que 'permitir a importação de etanol brasileiro iria reduzir os custos para os Estados Unidos'.

Bernanke afirmou que é difícil definir até que ponto a demanda por etanol está influenciando o preço dos alimentos nos Estados Unidos, mas ponderou que 'uma parcela significativa do milho produzido no país está sendo direcionada para o etanol, e isso aumenta os preços do milho'.

A postura do presidente do Fed foi elogiada pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). A entidade divulgou uma nota, no início da noite de ontem, na qual elogia a declaração favorável à redução de tarifas sobre o etanol produzido no Brasil.

De acordo com a entidade que representa os usineiros da região Centro-Sul do Brasil, maior região exportadora do combustível, os comentários 'representam uma postura extremamente positiva que vai muito além de questões puramente econômicas'.

A Unica informa que a sugestão de Bernanke 'é a favor da energia limpa e renovável, apóia a luta contra o aquecimento global e desafia a lógica distorcida que prevalece mundialmente, que taxa os biocombustíveis, ao mesmo tempo em que permite o livre trânsito dos combustíveis fósseis, sem barreiras comerciais ou de qualquer natureza'. O etanol brasileiro é taxado 56,5% para chegar aos Estados Unidos.

DESENVOLVIMENTO - O presidente da Unica, Marcos Sawaya Jank, informou, por meio da nota da entidade, que 'esse seria o tipo de medida que, se adotada, serviria de exemplo para que outros países e regiões do mundo assumam compromissos concretos com os biocombustíveis, para que o setor possa se desenvolver mundialmente de forma ordenada, produtiva, e com o essencial equilíbrio pela produção de alimentos e de combustível'.

'O setor sucroalcooleiro brasileiro está pronto para ampliar o fornecimento de etanol aos Estados Unidos, sem qualquer risco de expansão da produção de cana para regiões sensíveis do País ou de prejudicar o mercado interno. O Brasil também pode fornecer tecnologia, para que mais países adotem esta opção que evidentemente é viável e limpa', comentou Jank. ***AGÊNCIAS INTERNACIONAIS E GUSTAVO PORTO**

Álcool deve ser promovido em ação conjunta – Valdo Cruz – Folha de São Paulo – Dinheiro – 18/02/2008

A busca da internacionalização das marcas de produtos nacionais faz parte da estratégia da Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações) dentro do processo de internacionalização das empresas.

Na próxima semana, a Apex, ligada ao Ministério do Desenvolvimento, e a Unica (União da Agroindústria Canavieira de São Paulo) lançam um projeto de internacionalização do álcool brasileiro, que visará diferenciar o biocombustível nacional de seus concorrentes.

O objetivo do presidente da Unica, Marcos Sawaya Jank, é transformar o etanol brasileiro numa commodity global. Segundo ele, é preciso mostrar que o produto brasileiro tem vantagens ambientais e econômicas em relação ao de outros países.

Presidente da Apex, Alessandro Teixeira diz que o projeto visa a divulgação do álcool brasileiro, produzido a partir da cana-de-açúcar, buscando mostrar que ele é mais rentável do que os fabricados a partir de beterraba e milho, caso dos EUA. Os mercados que serão alvo do projeto são América do Norte, Europa e Ásia. Serão criados escritórios de representação e realizados seminários e feiras nessas regiões.

Ele quer negociar com o BNDES uma linha de financiamento específica para auxiliar empresas que desejam lançar campanhas de internacionalização de marcas. "Temos de trabalhar dentro do conceito de que a internacionalização da marca é uma das etapas do processo de internacionalização da empresa brasileira", diz. (VC)

Empresário não deve priorizar a soja, diz Lula – Eduardo Scolese – Folha de São Paulo – Ciência – 22/02/2008

Em discurso ontem num fórum internacional sobre mudanças climáticas, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sugeriu que os empresários brasileiros deixem de priorizar a soja e busquem outras culturas para a produção de biocombustíveis.

A preocupação do presidente está numa possível supervalorização de um produto que tenha como matéria-prima um grão também usado na alimentação humana e animal. "Aqui no Brasil, tenho alertado alguns produtores de biodiesel de que não é possível construir uma matriz energética pensando na soja", disse Lula.

Na fala de ontem, de 47 minutos, o presidente criticou os países desenvolvidos pelo não-cumprimento de protocolos internacionais contra o aquecimento global. Países em desenvolvimento, diz Lula, são "vítimas", e não culpados pela crise do clima.

"Times" questiona defesa de Hillary a subsídios do álcool – Folha de São Paulo – Mundo – 29/02/2008

Jornal diz que candidata recebeu doação de fundo alcooleiro, e Bill Clinton investe no setor - Firma citada aplica no Brasil; republicanos passam a focar Obama, que recebe duplo ataque de Bush e McCain sobre sua política externa

Depois de questionar a relação do republicano John McCain com os lobbies em uma reportagem polêmica divulgada na semana passada, o "New York Times" agora levanta um possível conflito de interesses entre votos de Hillary Clinton no Senado americano sobre o álcool e doações à sua campanha de uma empresa que investe no setor e tem, inclusive, participação em firma brasileira.

"[Hillary] Clinton defendeu uma lei que daria bilhões em incentivos federais ao álcool e, sobretudo em seu Estado-base, Nova York, trabalhou em prol de um ambiente de negócios favorável aos investimentos em etanol procurados por amigos de seu marido e apoiadores políticos seus", diz o texto, colocado no site do jornal na madrugada de ontem. A campanha da senadora, afirma o "Times", não quis comentar o assunto.

A reportagem cita eventos da Clinton Global Initiative, misto de entidade filantrópica e rede de investidores montada pelo ex-presidente Bill Clinton que, entre outras coisas, defende a produção de combustíveis limpos (como o álcool).

Refere-se também à Yucaipa Companies, fundo de investimento privado e eventual beneficiária da lei defendida por Hillary -da qual seu marido é um dos conselheiros e cujo dono, Ron Burkle, levantou centenas de milhares de dólares para suas campanhas. A Yucaipa, segue o texto, investiu milhões na Cilion Inc., que está construindo usinas de álcool pelos EUA, incluindo duas em Nova York, nas quais teriam recebido "ajuda" do gabinete de Hillary, segundo um executivo. São ações que vão de promover fóruns de investidores sobre álcool à oferta dos serviços de sua equipe.

A empresa também tem investimentos no Brasil, por meio da Brazilian Renewable Energy Co., (Brenco), fundo dirigido pelo ex-presidente da Petrobras Henri Philippe Reichstul e que teve investimento -embora modesto, cerca de US\$ 20 mil- de Clinton. Hillary, no entanto, votou para aumentar a taxaçoão do produto brasileiro nos EUA.

Obama - A senadora parece estar sendo, aos poucos, excluída da disputa. Ao menos por seus advsersários governistas, que, com dianteira cada vez maior de Barack Obama, focam nele os ataques. Ontem, a dose foi dupla.

John McCain, o favorito para a candidatura republicana, acusou Obama de querer "entregar o Iraque a Al Qaeda" por causa de sua promessa de retirar as tropas americanas do país árabe tão logo assuma uma eventual Presidência.

Do atual ocupante do cargo, George W. Bush, veio uma crítica à sua defesa da negociação direta e sem precondições com governantes de países que os EUA hoje

consideram hostis, como Cuba e Irã. "O que temos a perder abraçando um tirano? Mandaremos a mensagem errada", disse o presidente, que tem se mantido fora da campanha, citando Raúl Castro. "Não digo que nunca vamos conversar, mas agora não é hora."

Bernanke defende corte na tarifa do álcool brasileiro – Gitânio Fortes – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/02/2008

Fed quer liberar milho para alimentação humana - O presidente do Federal Reserve (o banco central dos EUA), Ben Bernanke, defendeu ontem redução na tarifa cobrada na importação de álcool do Brasil, obtido a partir da cana.

A maior parte do álcool nos EUA é feita de milho, matéria-prima essencial para a alimentação humana e para a produção de proteínas animais -bovinos, suínos e aves. Sobre os embarques brasileiros incide taxa de US\$ 0,54 por galão de 3,785 litros. O preço do álcool no mercado spot (à vista) norte-americano é de US\$ 2,29 o galão. Os EUA atualmente dão crédito de US\$ 0,51 por galão aos fornecedores do álcool adicionado à gasolina.

No ano passado, o Brasil exportou 3,5 bilhões de litros de álcool. Desse total, 867 milhões (24,8%) seguiram para os EUA.

Além do maior preço do grão, o presidente do Fed ressaltou os efeitos colaterais do álcool de milho. "Áreas de soja foram direcionadas para o milho, o que provavelmente afeta de alguma forma o preço da soja."

Segundo divulgou a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) em comunicado, a opinião de Bernanke "desafia a lógica distorcida que prevalece mundialmente, que taxa os biocombustíveis ao mesmo tempo em que permite o livre trânsito dos combustíveis fósseis, sem barreiras comerciais".

Para Júlio Borges, da Job Economia e Planejamento, "Bernanke está correto". "Mas as decisões não se tomam apenas com critérios econômicos."

João Beltrame, da Céleres Consultoria, diz que "os governantes dos EUA se mostram favoráveis ao álcool brasileiro, mas não reduzem as alíquotas [de importação]. Nada aconteceu nem depois que o presidente Bush veio ao Brasil".*Com a Reuters

Petróleo tem novo recorde e barril fecha acima de US\$ 102 – Folha de São Paulo – Dinheiro – 29/02/2008

O petróleo alcançou novo recorde, fechando acima dos US\$ 102 o barril. Em Nova York houve aumento de 2,96%, e a commodity terminou custando US\$ 102,59.

A alta foi influenciada pela desvalorização do dólar diante do euro e de outras moedas, o que torna as matérias-primas com preço em dólar mais atrativas para os investidores. O euro fechou em US\$ 1,5223 ontem. O aumento dos combustíveis e rumores de redução de produção na Nigéria e paralisação no Iraque também impactaram o preço do óleo. O petróleo do tipo Brent teve alta de 2,68%, fechando cotado a US\$ 100,90.

Lobby verde de Lula convence ricos - Daniela Chiaretti – Valor Econômico – Brasil - 22/02/2008

A novidade não estava no discurso, mas na reação da platéia. Ontem, no auditório do Itamaraty, em Brasília, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva repetiu, mais uma vez, sua defesa eloqüente aos biocombustíveis e seu papel no combate ao aquecimento global. "Os biocombustíveis têm que estar no centro de uma estratégia global de proteção ao meio ambiente", disse Lula. Quem o escutou, desta vez, foram uns 100 parlamentares dos países mais ricos do mundo e dos cinco emergentes, o grupo batizado de G8+5. Eles capitularam ao lobby verde: reconheceram sua importância na redução dos gases estufa e vão recomendar aos governos que reforcem a posição dos biocombustíveis nos acordos internacionais do clima. Fizeram só uma ressalva - mais comercial do que ambiental.

No documento final dos membros do Globe, uma organização internacional de legisladores que promove diálogos sobre mudanças climáticas e ecossistemas, os biocombustíveis receberam aval positivo assim como a liderança do Brasil no setor. A idéia é levar tudo à próxima reunião do G8+5, em julho, no Japão. As recomendações percorrem o caminho habitual - de que a produção seja sustentável e devidamente certificada. Lula garantiu, exibindo números do IBGE, que a produção de biocombustíveis no Brasil não concorre com a de alimentos e que não se está desmatando a Amazônia para fazer etanol. "Não há possibilidade de um cidadão brasileiro derrubar um pé de árvore na Amazônia para colocar lá uma cabeça de gado ou plantar uma oleaginosa", improvisou. "Não olhem o programa de biocombustíveis a partir do mapa da Europa, onde tudo está arrumado. Olhem como uma oportunidade para a África, para a América Latina."

O olhar dos parlamentares europeus ficou sutilmente enviesado. As taxações aos biocombustíveis devem ser revistas com urgência, concordam. Mas permaneceu entre colchetes - código usado nas negociações internacionais para sinalizar quando não há consenso em algum trecho - a frase que diz que este tema deveria ser prioridade na Rodada Doha da OMC. A objeção européia teve sotaque francês e alemão. Ainda há suspeitas da pressão que os biocombustíveis exercem sobre a floresta, justificaram. Estudo da Universidade de Minnesota, publicado recentemente na revista "Science", dá conta do prejuízo que cortar árvores para plantar cana representa na absorção do carbono da atmosfera. As reticências, esclareceu Michael Kauch, membro do parlamento alemão, são

uma reação ao que ocorreu na Indonésia, onde florestas vieram abaixo para dar lugar ao plantio de palma.

A ressalva aos biocombustíveis pode até ter uma raiz ambiental. No caso americano, porém, as taxações protegem a produção de etanol do milho, mais cara e menos eficiente que o de cana, e a preocupação com a Amazônia ou o aquecimento global está em segundo plano. Curiosamente, quando o presidente Lula apareceu no encontro do Globe, um dia depois do previsto e sem presença confirmada até minutos antes, os parlamentares americanos haviam acabado de sair do plenário.

Além dos biocombustíveis, os parlamentares queriam avançar em um documento que sugerisse linhas gerais para o que vai acontecer depois de 2012, quando termina o primeiro período do Protocolo de Kyoto. Mas, ao final do evento, ficou ainda trabalho por fazer. "Não houve consenso nas metas", disse Michael Jay, representante do parlamento inglês. Os chineses já haviam avisado que não iam referendar nada porque não teriam recebido o rascunho do documento antes de vir ao Brasil. Limitaram-se a escutar e a exibir um vídeo onde se viam dezenas de termelétricas a carvão sendo derrubadas. "Estamos demolindo as antigas", disse Xu Jianmin, membro da delegação. Ele expôs um ponto de vista singular: "30% das emissões de gases atribuídas à China não são nossas. Vêm da produção de artigos que, se não estivessem sendo feitos na China, estariam sendo produzidos em outro lugar."

Investida brasileira para divulgar o programa de álcool combustível – Valor Econômico – Agronegócios - 26/02/2008

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) e a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) anunciaram ontem uma união de forças para promover o programa de álcool combustível no mercado internacional. Em um investimento conjunto de R\$ 16,5 milhões, as duas entidades deverão desenvolver projetos globais para o etanol.

O programa tem como alvo os países da América do Norte, Europa e Ásia. O escritório de representação da Unica, instalado em Washington, nos EUA, deverá dar início aos trabalhos. O mesmo deverá ser feito na Europa quando a Unica instalar sua base em Bruxelas e outro na Ásia, ainda sem local definido.

Segundo Marcos Jank, presidente da Unica, há um grande potencial a ser explorado no mercado internacional. "O Brasil detém 60% do mercado livre de álcool. Hoje a produção mundial está em 50 bilhões de litros, com o país produzindo 22 bilhões. Os EUA deverão aumentar a produção, mas vão precisar importar o combustível para atender suas necessidades", disse o dirigente.

No início de março, a Unica e Apex participam de uma conferência nos EUA sobre energia renováveis, entre os dias 3 e 7. Na Europa, o tema será discutido durante o World Biofuels Markets Congress, em Bruxelas, entre os dias 12 e 14. A participação nesses eventos servirá como oportunidade para o Brasil divulgar as vantagens do álcool à base de cana.

A expectativa é de que a produção de cana no Brasil fique em 487 milhões de toneladas em 2007/08, com uma oferta de 30,6 milhões de toneladas de açúcar e 22 bilhões de litros de álcool, segundo a Unica. No Nordeste, a safra de cana ficará em 60 milhões. (MS)

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf e Lauro Mattei

Assistentes de Pesquisa

Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária

Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

